



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Território Cidade, Território Lugar.
Da Margem ao Centro

Ivan Shuei Sera

Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo

Orientadores:

Professor, Doutor, Arquiteto Pedro Alexandre Aguiar Mendes,
Professor Auxiliar, ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa

Professor Pedro Viana Botelho, Professor Catedrático Convidado,
ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2023

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Território Cidade, Território Lugar.
Da Margem ao Centro

Ivan Shuei Sera

Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo

Orientadores:

Professor, Doutor, Arquiteto Pedro Alexandre Aguiar Mendes,
Professor Auxiliar, ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa

Professor Pedro Viana Botelho, Professor Catedrático Convidado,
ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2023

Território Cidade, Território Lugar

Da Margem ao Centro

**Território Cidade, Território Lugar
Da Margem ao Centro**

Índice

i	Resumo
iii	Abstract
v	Índice de figuras
ix	Agradecimentos
5	1. Introdução.
9	Metodologia
15	2. Leitura Crítica do Território.
	Biofísica
	Evolução Histórica
	Evolução Demográfica
	Utilidades ao Nível do Piso Térreo
	Mobilidade
	Análise SWOT
	A Cidade na Atualidade
59	3. Projeto.
	Análise
	Da Margem ao Centro
	Projeto
127	4. Considerações finais.
131	Referências arquitetônicas
139	Referências
141	Referências bibliográficas

Resumo

Por um melhor equilíbrio cultural e social no contexto urbano das Caldas da Rainha, este trabalho busca equacionar contrastes no que tange à distribuição tipológica entre o seu centro histórico e a sua margem urbana, bastante evidente nas suas geografias física e humana.

Fruto de conclusões levantadas por análises socio-urbanísticas da cidade, fez-se mister lidar com as questões da diminuição da população local das Caldas da Rainha, fenómeno concomitante ao aumento considerável do número de imigrantes dentro da cidade; além de valorizar uma região pouco visitada pela população citadina. Portanto, idealizou-se um centro para integração de imigrantes, bem como uma residência artística, ambas estrategicamente implantadas em terrenos localizados em polos opostos num eixo nascente-poente originado pela presença da linha férrea da cidade, buscando promover um maior fluxo interpopulacional.

O projeto insere-se em contextos desafiadores da contemporaneidade onde questões sociais intrínsecas convivem com fluxos migratórios perpassando por novas sociologias e identidades. Ainda, propôs-se a responder desafios contemporâneos considerados de maior urgência, traduzindo a imagem ideal do autor sobre as Caldas da Rainha: um lugar ainda mais inclusivo, enfatizando gregarismos de uma ponta à outra, fomentando cultura e criações artísticas. Já um convite aberto por a cidade ser como é.

Palavras—chave:

Margem e centro urbano | ligação | integração | residência artística | imigrantes | Caldas da Rainha.

Abstract

In the interest of a better cultural and social balance in the urban context of Caldas da Rainha, this work seeks to reduce the contrasts in terms of typological distribution between its historic centre and its urban fringe, which are quite evident in its physical and human geography.

The conclusions drawn from the socio-urban analyses of the city indicate that it was necessary to address the issue of Caldas da Rainha's dwindling local population, a phenomenon that goes hand in hand with the significant increase in the number of immigrants in the city, as well as provide the enhancement of a region little visited by the city's population. To this end, a centre for the integration of immigrants and an artists' residence have been conceived, both strategically located on plots of land at opposite ends of an east-west axis created by the presence of the city's railway line, with the aim of promoting greater inter-population flows.

The project is part of a challenging contemporary context, where intrinsic social issues coexist with migratory flows, permeating new sociologies and identities. It also aims to respond to present-day challenges considered of greater urgency, translating the author's ideal image of Caldas da Rainha: an even more inclusive place, emphasising conviviality from one end to the other, promoting culture and artistic creation. An open invitation the city itself sends, by being the way it is.

Key—words:

Edge and urban centre | link | integration | artist residency | immigrants | Caldas da Rainha.

Índice de Figuras

Fig. 01. Imagem aérea das Caldas da Rainha, 1982.

Fonte: Direção-Geral do Território, Série da cobertura aerofotogramétrica de Portugal Continental à escala 1:15 000, Fotografia analógica das Caldas da Rainha - 1982.

Fig. 02. Praça da República (séc. XX - s. d.).
Fonte: Oestanguapo. oestanguapo.com. Caldas da Rainha. [Consult. 11 Ago. 2023]. Disponível em WWW:<<https://oestanguapo.com/negocio/el-mercado-de-la-fruta-de-caldas-da-rainha/>>.

Fig. 03. Hospital Termal (1927).
Fonte: Aeje. aeje.pt. Caldas da Rainha. [Consult. 11 Ago. 2023]. Disponível em WWW:<<http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/postais/CaldasRai-Post27.htm>>.

Fig. 04. Postal ilustrado da estação ferroviária em 1910.

Fonte: Gazeta das Caldas. gazetadascaldas.pt. Caldas da Rainha. [Consult. 11 Ago. 2023]. Disponível em WWW:<<https://gazetadascaldas.pt/sociedade/a-chegada-do-caminho-de-ferro-as-caldas/>>.

Fig. 05. Parque D. Carlos I (séc. XX - s. d.).
Fonte: Aeje. aeje.pt. Caldas da Rainha. [Consult. 11 Ago. 2023]. Disponível em WWW:<<http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/postais/CaldasRai-Post27.htm>>.

Fig. 06. Ortofotomapa - Caldas da Rainha.
Fonte: Google Earth, 2022.

Fig. 07. Praça da Fruta, 2023.
Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 08. Hospital Termal, 2023.
Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 09. Linha férrea - Caldas da Rainha, 2023.
Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 10. Parque D. Carlos I, 2023.
Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 11. Visita às Caldas da Rainha.
Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 12. Mapa da composição do solo na área de estudo, adaptado de: DIRECÇÃO GERAL

DE MINAS E SERVIÇOS GEOLÓGICOS PORTUGAL.

Fonte: SERVIÇOS GEOLÓGICOS PORTUGAL Carta geológica - Portugal. Lisboa: [s. n.], 1952. 1 mapa : color. ; 61x39 cm. Disponível em: <https://almamater.uc.pt/bibletras/item/44989>

Fig. 13. Domínios Senhoriais Finais do Século XV.

Fonte: SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 279.

Fig. 14. Limites Aproximados do Termo da Vila das Caldas de 1511.

Fonte: SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 293.

Fig. 15. Planta da Vila das Caldas de 1742, da autoria de João Pedro Ludovice.

Fonte: SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 54.

Fig. 16. Mapa de arruamentos no século XVI-II.

Fonte: Turma 1 - PFA 22/23, 2022.

Fig. 17. Mapa de arruamentos no século XIX.
Fonte: Turma 1 - PFA 22/23, 2022.

Fig. 18. Mapa de arruamentos no início do século XX.

Fonte: Turma 1 - PFA 22/23, 2022.

Fig. 19. Mapa de arruamentos no final do século XX.

Fonte: Turma 1 - PFA 22/23, 2022.

Fig. 20. Rodrigo Berquó, visto por Rafael Bordalo Pinheiro, 1894.

Fonte: SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 110.

Fig. 21. Projeto de Rodrigo Berquó para o Hospital D. Carlos. Alçado frente poente.

Fonte: SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 390.

Fig. 22. Hospital antes do 3º piso projetado

por Rodrigo Berquó.

Fonte: SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 309.

Fig. 23. Chegada Imaginária do comboio às Caldas da Rainha por Rafael Bordalo Pinheiro (30 jun. de 1887).

Fonte: SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 99.

Fig. 24. Caldas da Rainha, 1925. Mapa com desenho de Fernando Correia (1893-1967).

Fonte: TOMAZ, Matilde [et. al.] - Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes. Assírio&Alvim, 1998.

Fig. 25. Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha.

Fonte: SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 314.

Fig. 26. Aspecto da época da loja do Pavilhão de vendas da Fábrica de Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro.

Fonte: SERRA, João Bonifácio [et. al.] - Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes. Assírio&Alvim, 1998.

Fig. 27. Residentes em um café da cidade.
Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 28. Mapa de Utilidades a nível do Piso Térreo, Caldas da Rainha.

Fonte: Turma 1 - PFA 22/23, 2023.

Fig. 29. Mapa esquemático das vias de comunicações rodoviárias de acesso às Caldas da Rainha.

Fonte: Turma 1 - PFA 22/23, 2023.

Fig. 30. Carreiras interurbanas que atravessam o Concelho.

Fonte: Turma 1 - PFA 22/23, 2023.

Fig. 31. Mapa esquemático das linhas da rede urbana TOMA.

Fonte: Turma 1 - PFA 22/23, 2023.

Fig. 32. Análise do Território.

Fonte: Turma 1 - PFA 22/23, 2023.

Fig. 33. ESAD - IPLeiria.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 34. Espaços não utilizados.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 35. Descontrole da escala do edificado.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 36. Linha férrea.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 37. Lotes vazios.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 38. Estacionamentos em vazios urbanos.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 39. Mapa de Edifícios Relevantes.

Fonte: Turma 1 - PFA 22/23, 2023.

Fig. 40. Centro Cultural e Congressos Caldas da Rainha.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 41. Linha férrea - Caldas da Rainha.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 42. Praça 5 de Outubro.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 43. Praça 25 de Abril.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 44. Imagem aérea com vista para o terreno de intervenção.

Fonte: Google Earth, 2023.

Fig. 45. Vista do terreno pela sua cota altimétrica mais baixa (28 m).

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 46. Vista do terreno pela sua cota altimétrica mais alta (42 m).

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 47. Ortofotomapa do terreno de intervenção.

Fonte: Google Earth, 2023.

Fig. 48. Carta militar 1960-70.

Fonte: GeoPortal do Município das Caldas da Rainha (1960/70) - Planta Genérica [Material Cartográfico]. Escala [1:20.000]. Disponível em : WWW:<<http://websig.mcr.pt/MCREPL/>>

Fig. 49. Carta militar 2004.

Fonte: GeoPortal do Município das Caldas da Rainha (2004) - Planta Genérica [Material Cartográfico]. Escala [1:20.000]. Disponível em : WWW <<http://websig.mcr.pt/MCREPL/>>

Fig. 50. Planta geral de intervenção. Eixo Leste-Oeste.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 51. Vista para nascente pela Rua 15 de Agosto.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 52. Vista para poente pela Rua 15 de Agosto.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 53. Ponte sobre a estação de comboios.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 54. Passagem sub-férrea.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 55. Av. Primeiro de Maio, Caldas da Rainha.

Fonte: Google Earth, 2023.

Fig. 56. Plano McMillan. Movimento *City Beautiful*, 1902.

Fonte: The Cultural Landscape Foundation. tcfl.org. Washington, D. C. [Consult. 28 Ago. 2023]. Disponível em WWW: <<https://www.tcfl.org/landscapes/mcmillan-plan#:~:text=The%20McMillan%20Plan%20is%20the,D.C.%2C%20particularly%20its%20historic%20core.>>>.

Fig. 57. Ponte sobre a Ribeira da Carpinteira.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 58. Placa com informações a respeito da Ponte sobre a Ribeira da Carpinteira.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 59. Estratégia geral de intervenção. Outubro, 2022.

Fonte: Ivan Sera, 2022.

Fig. 60. Estratégia de programas. Outubro, 2022.

Fonte: Ivan Sera, 2022.

Fig. 61. Estudo de implantação do projeto. Dezembro, 2022.

Fonte: Ivan Sera, 2022.

Fig. 62. Corte de estudo dos ateliês. Fevereiro, 2023.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 63. Relação quarto-galeria e ventilação cruzada. Fevereiro 2023.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 64. Relação entre espaços e esquemas de vistas. Março, 2023.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 65. Ruína da antiga estufa de flores.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 66. Ruína do antigo armazém de flores.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 67. Ruínas de um poço d'água e um tanque.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 68. Edifício existente mantido para convidados.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 69. Edifício existente de apoio para a horta.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 70. Vegetação existente preservada.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 71. Fotomontagem. Parte do muro existente.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 72. Golden Lane, '*Street-in-the-air*', Alison & Peter Smithson, 1952.

Fonte: Drawing Matter, drawingmatter.org. Somerset. [Consult. 20 Ago. 2023]. Disponível em WWW: <<https://drawingmatter.org/alison-and-peter-smithsons-collages-as-reinventing-established-reality/>>>.

Fig. 73. Peter Zumthor, '*Poetic Landscape*'.

Fonte: ZUMTHOR, Peter - V.3: 1998-2001. Peter Zumthor : buildings and projects. Zurich : Scheidegger and Spiess, 2014. 5 v. Vol. 3. p. 19.

Fig. 74. Capela Bruder Klaus.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 75. Estratégias de intervenção.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 76. Planta de implantação.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 77. Espécies de árvores presentes no projeto.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 78. Relação entre árvores e visitantes.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 79. Planta piso -1.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 80. Planta piso 0.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 81. Planta piso 1.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 82. Planta piso 2.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 83. Corte aa.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 84. Corte bb.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 85. Corte cc em perspectiva.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 86. Detalhes construtivos.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 87. Pormenor construtivo.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 88. Vista para os edifícios a partir do jardim urbano.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 89. Vista desde o interior da nova cobertura.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 90. Pé direito de entrada..

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 91. Vista da galeria dos quartos.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 92. Planta de Porpostas da Turma 1 PFA 22/23.

Fonte: Turma 1 - PFA 22/23, 2023.

Fig. 93. Terreno do projeto atualmente.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 94. Plano dos Cinco Dedos, Copenhague.

Fonte: Danish Design Review. danishdesignreview.com. Dinamarca. [Consult. Out. 2022]. Disponível em WWW: <<http://danishdesignreview.com/town-scape/2017/9/3/the-finger-plan-at-70>>>.

Fig. 95. Arne Jacobsen, Banco Nacional da Dinamarca.

Fonte: cgarquitect. cgarchitect.com. Califórnia. [Consult. 11 Ago. 2023]. Disponível em WWW: <<https://www.cgarchitect.com/images/362d666a>>>.

Fig. 96. Golden Lane ('street-in-the-air').

Fonte: Drawing Matter, drawingmatter.org. Somerset. [Consult. 20 Ago. 2023]. Disponível em WWW: <<https://drawingmatter.org/alison-and-peter-smithsons-collages-as-reinventing-established-reality/>>>.

Fig. 97. Peter Zumthor, Residência para Idosos.

Fonte: Arquitectura Viva. arquitecturaviva.com. Madrid. [Consult. Out. 2022]. Disponível em WWW: <<https://arquitecturaviva.com/articles/preguntas-mayores-3699>>>.

Fig. 98. Parque do Vale do Silêncio.

Fonte: Ivan Sera, 2023.

Fig. 99. Maquete '*Poetic Landscape*' - Peter Zumthor.

Fonte: ZUMTHOR, Peter - V.3: 1998-2001. Peter Zumthor : buildings and projects. Zurich : Scheidegger and Spiess, 2014. 5 v. Vol. 3. p. 18.

Agradecimentos

Pelas orientações e lições aparentemente infindáveis no que concernem ambas a arquitetura e a vida. Obrigado aos professores Pedro Mendes e Pedro Botelho que, com paciência e amores pelo ofício que praticam, aumentaram a fresta pela qual me permite vislumbrar o horizonte da arquitetura com mais clareza.

Aos companheiros e companheiras de Lisboa à Real República do Bota-Abaixo; de Coimbra à São Paulo. Obrigado.

Pelos recorrentes empurrões e estimulações; por sempre permitir que a bússola dos meus desejos e das minhas paixões me guie mesmo que por caminhos incertos. Obrigado, Mipa Raia.



Fig. 01. Imagem aérea das Caldas da Rainha, 1982.



Fig. 02. Praça da República (séc. XX - s. d.).



Fig. 03. Hospital Termal (1927).



Fig. 04. Postal ilustrado da estação ferroviária em 1910.



Fig. 05. Parque D. Carlos I (séc. XX - s. d.).

1. Introdução

Atento às tendências atuais das cidades, onde a heterogeneidade social cresce e onde o aumento muitas vezes descontrolado da malha urbana é facilmente observável, o tema aqui explorado está diretamente ligado a estes fenômenos socio-urbanísticos que se arrastam há muitas décadas.

O século XXI é herdeiro de inúmeros eventos históricos que mudaram o rumo da humanidade e que, inevitavelmente, abalam a forma de observar a cidade e a sua morfologia e organização. Os impactos dos êxodos rurais no século XX, por exemplo, ainda pulsam e encontram-se deveras patente. Hoje, encontramos-nos no século da cidade, século este em que metade da população mundial vive em áreas urbanas – na Europa, já no começo dos anos 2000, essa marca havia ultrapassado os 75 por cento e em países em desenvolvimento o número chega a quase 50 por cento. Para fim de comparação, há dois séculos, somente 29 por cento da população mundial vivia em cidades (LANDRY, 2000, p. xiii).

Claro está, portanto, que uma análise crítica do nosso entorno urbano é tarefa; as contradições do sistema econômico vigente hoje pesam como nunca e acometem àqueles que menos dispõem de meios para pavimentarem o caminho que leva ao alívio parcial ou, idealmente, total deste peso. Para exemplificar, as gentrificações e segregações sociais são, em muitos casos, produtos destas contradições. Em Portugal, onde nos últimos anos o turismo tem tido um papel importante na economia do país, estes fenômenos tornaram-se bastante aparentes e agravantes.

Com a consciência de responsabilidades sociais, este ensaio, junto com o projeto, pro-

curou adaptar-se às tendências supracitadas de forma a melhorar a qualidade de vida do cidadão dentro das Caldas da Rainha, uma cidade situada na zona litoral de Portugal continental, no distrito de Leiria. Para tal, foi necessário analisar não só a morfologia da cidade e o que ela oferece, mas também a forma de viver dos seus habitantes. Para citar Albert Camus, a melhor maneira “(...) de travar conhecimento com uma cidade é perceber como o seu povo vive: como trabalha, como ama, e como morre.” (CAMUS, 1947, p. 10). As análises demográficas, portanto, foram imprescindíveis; através delas foi possível notar dois fenômenos populacionais opostos, sendo um deles o aumento relativamente acelerado de imigrantes na cidade e o segundo a diminuição da população local na última década - contrariando uma tendência do aumento populacional que ocorreu nos anos precedentes. Ainda, a morfologia da cidade encontra-se numa situação compartimentalizada num eixo nascente-poente devido a implantação da linha férrea das Caldas da Rainha no século XIX, estando bastante evidente o contraste de um lado (centro histórico, à nascente) em comparação com o outro (área residencial localizada na margem da cidade, à poente) no que concerne à oferta de cultura, espaços de lazer, espaços verdes e até no frenesim dentro da cidade.

Como possibilidade de resposta às tendências globais das cidades e, neste caso, à realidade das Caldas da Rainha, o projeto inspirou-se na ideia de arquitetura como uma solução para a sociedade em que se manifesta e uma criação dela própria; que busca não só diversificar as populações das duas partes referidas da cidade, mas que

também leva em consideração algumas das principais questões morfológicas e outras populacionais das Caldas da Rainha.

Por fim, este trabalho estrutura-se em duas partes: a primeira, um esforço coletivo em turma, apresenta uma reflexão crítica do território das Caldas da Rainha; a segunda parte é onde se apresenta o projeto desenvolvido individualmente. A análise da cidade está dividida em três fases: primeiro estudou-se a evolução histórica caldense, referindo aspectos socioculturais pertinentes. Em seguida, identificou-se edifícios e espaços de interesse público considerados determinantes para uma melhor compreensão das dinâmicas sociais e de ocupação dentro das fronteiras de estudo. Por último, foram realizadas pesquisas referentes à evolução demográfica, a biofísica do território e a mobilidade interna e interurbana.

Metodologia

Para a realização da referida análise feita em turma, os membros foram divididos em grupos, cada qual responsável por um tópico a pesquisar, comunicando entre si achados de interesse comum, quais sejam: a consulta de documentos históricos e cartográficos; recolha de dados demográficos; e, por fim, a elaboração de três mapas, estando em um identificada a estrutura geológica da cidade, no segundo a utilização dos pisos térreos dos edifícios e, no último, ruínas, espaços públicos, espaços verdes, entre outros edificados e superfícies consideradas importantes para poder-se compreender com mais clareza aspectos importantes e oportunos presentes na cidade.

Durante análises e visitas às Caldas da Rainha, notou-se uma certa compartimentalização entre as regiões leste e oeste da cidade, originada pela linha férrea, que possui um carácter de fronteira naturalmente por não permitir atravessamentos viários a passar pelos trilhos. Resultado: a maior parte das atividades na cidade está concentrada no centro histórico e, por isso, o projeto prático individual aborda o tema da relação margem-centro e formas de mitigar as discrepâncias entre tais regiões, buscando dinamizar a cidade e encorajar uma maior interação populacional entre os polos nascente e poente das Caldas da Rainha.



Fig. 06. Ortofotomapa - Caldas da Rainha.



Fig. 07. Praça da Fruta, 2023.



Fig. 08. Hospital Termal, 2023.



Fig. 09. Linha férrea - Caldas da Rainha, 2023.



Fig. 10. Parque D. Carlos I, 2023.

2. Leitura Crítica do Território



Fig. 11. Visita às Caldas da Rainha.

2.1 Biofísica

Foram estudadas as questões biofísicas da zona do Oeste, em especial da cidade das Caldas da Rainha, de modo a obter um panorama mais claro das suas condições, tendo em conta os usos do solo através do Plano Diretor Municipal da cidade.¹

No que toca os tipos de solos, nota-se que se encontram solos maioritariamente do *Jurássico*, nomeadamente Grés e argilas de diversas cores, bem como *Pliocénico* (Brechas Calcárias).² Conclui-se que estes aspectos biofísicos configuraram as condições necessárias para a evolução da cidade até chegar ao ponto em que ela se encontra hoje, com especial atenção a presença de argila, que permitiu com que a cidade desenvolvesse uma de suas principais marcas artísticas, principalmente através das mãos e mente criativa de Raphael Bordallo Pinheiro.

Legenda.

Área de estudo.

"Pliocénico" - Brechas Calcárias.

"Jurássico" - Grés e argilas de diversas cores.

Rochas vulcânicas - Basalto.

1 CÂMARA MUNICIPAL DE CALDAS DA RAINHA. Planta de Ordenamento: Cidade de Caldas da Rainha. Caldas da Rainha, 2017. Escala 1:10.000. Disponível em WWW:<<http://www.rb.mcr.pt/web-center/>>.

2 Mapa da composição de solos na área de estudo, adaptado de: DIRECÇÃO GERAL DE MINAS E SERVIÇOS GEOLÓGICOS. SERVIÇOS GEOLÓGICOS PORTUGAL Carta geológica - Portugal. Lisboa: [s. n.], 1952. 1 mapa : color. ; 61x39 cm. Escala 1:1.000.000. Disponível em WWW:<<https://almamater.uc.pt/bibletras/item/44989>>.



Fig. 12. Mapa da composição do solo na área de estudo, adaptado de: DIRECÇÃO GERAL DE MINAS E SERVIÇOS GEOLÓGICOS PORTUGAL. Escala 1:50.000.

2.2 Evolução Histórica

Citando Aldo Rossi, «O método histórico parece ser capaz de nos oferecer a verificação mais segura de qualquer hipótese sobre a cidade (...) As cidades são o texto desta história (...)» (ROSSI, 2021, p. 166). Partindo deste princípio, pretendeu-se compreender o crescimento e evolução da cidade tendo sido estudada a sua história com recurso a diversos livros - *Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes* de João Bonifácio Serra e outros autores; *As Cidades Têm uma História: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII* de Saúl António Gomes, entre outros documentos pertinentes como dissertações, documentos de arquivos digitais e elementos fotográficos.

Origem

De acordo com Saúl António Gomes em relação a um documento³ publicado por Manuel Sílvio Alves Conde, é possível atestar-se indícios de atividades termais nas «(...) imediações de Óbidos» (GOMES, 1994, p. 21). O sítio em análise era identificado como um local «(...) para permanecer em tratamentos durante alguns dias (...)» (GOMES, 1994, p. 21). onde mais tarde se veio a desenvolver as Caldas da Rainha «(...) creio podermos aceitar que se trata, aqui, das Caldas junto de Óbidos.» (GOMES, 1994, p. 21). Assim, sabe-se que a Rainha D. Leonor encontrou, em 1484, um

grupo de pessoas a banharem-se em «(...) poças de água fumantes e mal cheirosas» (GOMES, 1994, p. 22).

Desde o século XIII que a vila das Caldas da Rainha era conhecida como *As Caldas de Óbidos*, originalmente desenvolvida a partir da vontade da Rainha D. Leonor de criar o primeiro hospital termal, em 1485 (SERRA, 2003, p. 50). Esta iniciativa surgiu da cura da Rainha depois de se banhar em águas quentes naquela região.⁴ Desde então, «A vila das Caldas da Rainha é a mais concorrida terra d'águas da província da Extremadura» (ORTIGÃO, 1975, p. 85).

Este local caracterizava-se por ser frequentado por leprosos e pessoas mais empobrecidas. Por consequência da popularidade e do grande uso desta zona para banhos termais, surgiu um conjunto de recursos e equipamentos balneários de carácter precário. Eram mantidos por estruturas informais de carácter popular e não tanto pela elite da época (ORTIGÃO, 1975, p. 85). Só nos finais do século XV é que estas infraestruturas começaram a ter atenção por parte da Casa Real (ORTIGÃO, 1975, p. 85) que, por intermédio da Rainha D. Leonor, sofreram reformulações, definindo assim a localização de um Hospital (SERRA, 1998, p. 171). «Nasceu assim um grande hospital moderno, com o seu corpo clínico permanente, pioneiro (...) Foi, por outro lado, o primeiro (e único) hospital termal

português» (SERRA, 2003, p. 50).

Paralelamente, é relevante referir a súplica que a própria Rainha enviou ao papa Alexandre VI, compreendendo o seu interesse na criação do hospital termal:

“No Território de Óbidos, no lugar chamado das Caldas (...) existiam certos banhos destruídos e quase totalmente incapazes (...) a dita rainha, movida pelo amor de Deus, fez ali edificar banhos às suas próprias custas, reparando câmaras e casas para as pessoas enfermas (...)” (GOMES, 1994, p. 23).

A partir de então, e como forma de garantir metodologias sociais e económicas que suportariam a atividade local e, com o propósito de consolidar a implantação do Hospital, o rei D. João II implementou algumas medidas que visavam garantir a fixação de mais população no território. Através destas medidas foi possível assegurar e compreender uma maior importância da vila e da sua contribuição para a saúde pública do reino.

³ Documento publicado por CONDE, Alves, Manuel - Subsídios para o Estudo dos Gafos de Santarém (Séculos XIII-XV) citado em GOMES, Saúl António - *As Cidades Têm uma História: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII*. 1ª ed. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 1994. ISBN 972-8154-04-6, p.21.

⁴ Termo Caldas da Rainha in Nova Enciclopédia Larousse. Ed. n.º 3890. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. V, 1994, p. 1336-1337.

Crescimento da Vila das Caldas

Houve um crescente a nível demográfico na Vila das Caldas da Rainha e, em 1491, o Rei D. João II atribuiu às Caldas o direito de possuir um juiz próprio que regularizasse e ordenasse as decisões fiscais do concelho (GOMES, 1994, p. 27), permitindo que as Caldas fosse independente da vila de Óbidos «(...) o monarca João II autorizou que a povoação fosse desanexada do termo de Óbidos (...) nos finais do século XV se principiou a estruturar uma povoação em seu redor.» (SERRA, 2003, p. 50). Contudo, somente em 1511 o Rei D. Manuel I atribuiu oficialmente o estatuto de vila às Caldas da Rainha. Esta decisão foi motivada pelo facto da vila ser, já na época, um regime autônomo com uma rede viária e equipamentos urbanos coletivos (SERRA, 2003, p. 50).

Com o aumento da população nas Caldas, tornava-se necessário mais área disponível por onde a vila pudesse se expandir e, para esse efeito, foram utilizados vários terrenos de cultivo que existiam à volta dela. No entanto, a utilização destes terrenos acarretou alguns conflitos com a autarquia vizinha de Óbidos, uma vez que a vila das Caldas da Rainha ainda não tinha definido e delimitado o seu território oficial.

Com o intuito de acautelar os problemas entre as vilas de Óbidos e das Caldas da Rainha, o Rei D. Manuel I ordenou que Rui Boto - chanceler da corte do reino - determinasse limites territoriais mais precisos para a vila das Caldas da Rainha, que se estabeleceram «(...) meia légua em volta do hospital.» (GOMES, 1994, p. 29). Ainda que o crescimento da vila das Caldas da Rainha tenha sido

notório, esta apresentava desvantagens quanto às suas infraestruturas urbanas (GOMES, 1994, p. 29).



Fig. 13. Domínios Senhoriais Finais do Século XV.

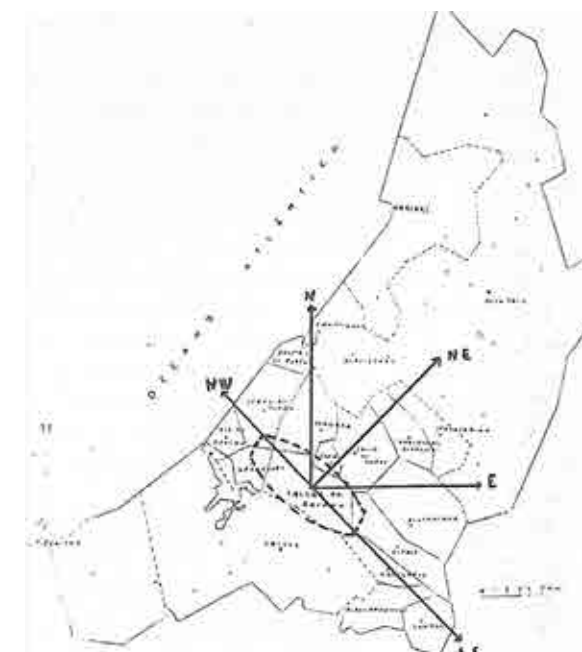


Fig. 14. Limites Aproximados do Termo da Vila das Caldas de 1511.

No primeiro levantamento cartográfico identificado em 1742 da autoria de João Pedro Ludovice, verificou-se que a população se concentrava junto aos espaços vazios entre ruas e largos já existentes em zonas predominantes da cidade e com maior atividade social. Ao estudar com maior detalhe a evolução da vila, alguns elementos que condicionaram o seu crescimento tornaram-se evidentes: as duas vias de comunicação que faziam a ligação entre Coimbra e Lisboa (Norte-Sul) e Santarém e Peniche (Leste-Oeste) o hospital termal; a densidade arbórea e as terras semeadas (GOMES, 1994, pp. 177-179).

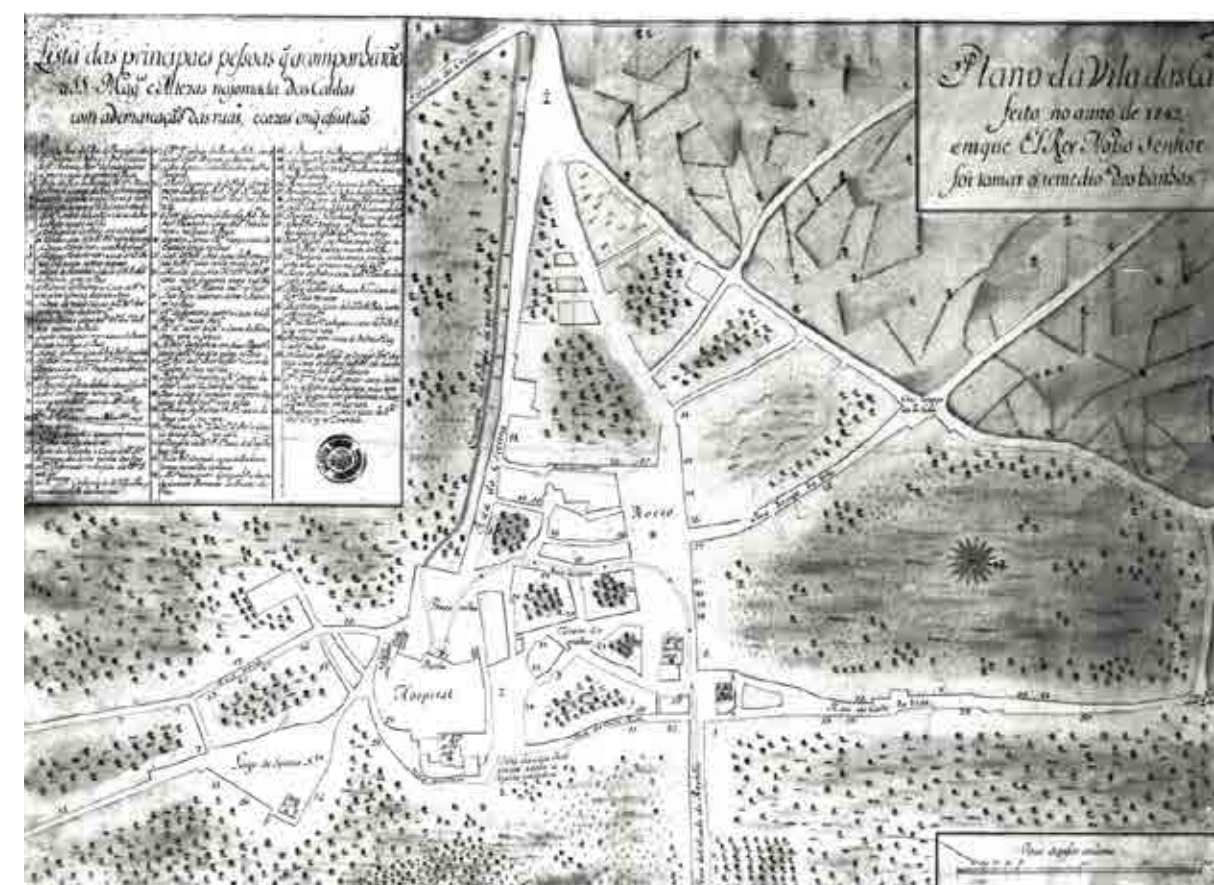


Fig. 15. Planta da Vila das Caldas de 1742, da autoria de João Pedro Ludovice.

- Legenda.
- Arruamentos levantamento de 1742
 - Arruamentos levantamento de 1890
 - Arruamentos levantamento de 1927
 - Arruamentos levantamento de 1982
 - Antiga estrada
 - Linha de comboio
 - Circular

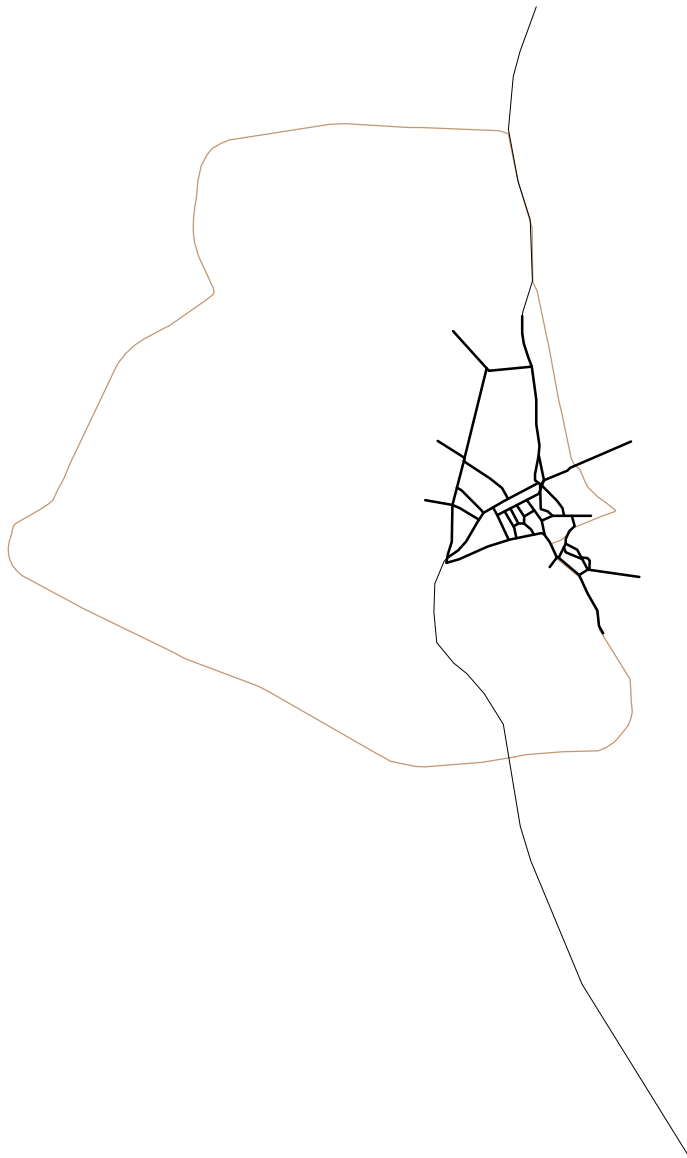


Fig. 16. Mapa de arruamentos no século XVIII. Escala 1:20.000.

- Legenda.
- Arruamentos levantamento de 1742
 - Arruamentos levantamento de 1890
 - Arruamentos levantamento de 1927
 - Arruamentos levantamento de 1982
 - Antiga estrada
 - Linha de comboio
 - Circular



Fig. 17. Mapa de arruamentos no século XIX. Escala 1:20.000.

- Legenda.
- Arruamentos levantamento de 1742
 - Arruamentos levantamento de 1890
 - Arruamentos levantamento de 1927
 - Arruamentos levantamento de 1982
 - Antiga estrada
 - Linha de comboio
 - Circular



Fig. 18. Mapa de arruamentos no início do século XX. Escala 1:20.000.

- Legenda.
- Arruamentos levantamento de 1742
 - Arruamentos levantamento de 1890
 - Arruamentos levantamento de 1927
 - Arruamentos levantamento de 1982
 - Antiga estrada
 - Linha de comboio
 - Circular



Fig. 19. Mapa de arruamentos no final do século XX. Escala 1:20.000.

Atividade Termal

No século XIX (1878-1890) houve uma grande expansão da atividade termal onde verificou-se um aumento da permanência de pessoas na vila das Caldas. Por consequência deste aumento, entendeu-se que seria necessário reformular o Hospital Termal com a ambição de tornar esta localidade numa estância termal de grande reconhecimento a nível europeu (SERRA, 2003, p. 55). A reformulação do Hospital Termal pretendia modernizar as suas estruturas urbanas e reforçar as ligações e vias de comunicação da vila das Caldas até a capital do país e com o estrangeiro. Neste seguimento, durante os anos seguintes (1890-1896), Rodrigo Maria Berquó⁵ atingiu uma grande importância neste processo, orientando um conjunto de infraestruturas e projetos de lazer com a estratégia de aliciar banhistas de classe média e alta até à vila (SERRA, 1995, pp. 42-44).

“De facto, um verdadeiro terramoto se abateu sobre a pacata vila das Caldas durante a gestão de Berquó. (...) o que avulta na acção de Berquó nos 7 anos em que presidiu aos destinos do Hospital Termal, é uma inabalável determinação. Este homem não cede a pressões de contravapor, nem parece atreito a desânimos, não abrandar o ritmo (...)” (SERRA, 1998, p. 175).

O arquiteto projetou um parque com uma

grande densidade de árvores a fim de que a vila houvesse infraestruturas para a prática esportiva e a possibilidade de usufruir de áreas destinadas ao lazer. Criou também o Hospital Termal D. Carlos I^o destinado apenas aos internamentos, cujo objetivo era fazer a divisão entre os balneários e o hospital supra. Ainda na visão deste projeto, Rodrigo Berquó implementou um terceiro piso ao hospital original. Contudo, as intervenções e os planos do arquiteto Berquó prosseguiram no contexto urbano da cidade. Ainda assim, afirma-se que o mesmo não chegou a ser concluído na sua totalidade:

“Este plano, que no seu desígnio mais profundo visava subordinar a racionalização e modernização urbanística das Caldas às prioridades e critérios do termalismo e do conceito de cidade termal, não foi totalmente cumprido.” (SERRA [et.al.], 1998, p. 175).

5 Arquiteto que desempenhou um papel importante na cidade das Caldas das Rainhas em simultâneo com o seu cargo de presidente da câmara.

6 Designado, atualmente, como pavilhões do parque D. Carlos I.



Fig. 20. Rodrigo Berquó, visto por Rafael Bordalo Pinheiro, 1894.

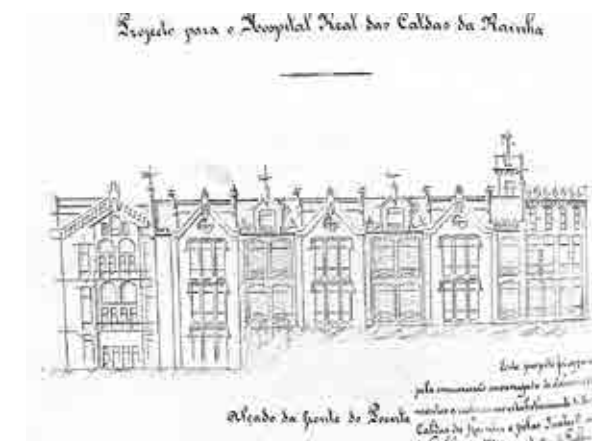


Fig. 21. Projeto de Rodrigo Berquó para o Hospital D. Carlos. Alçada frente poente.



Fig. 22. Hospital antes do 3º piso projetado por Rodrigo Berquó.

De Vila das Caldas da Rainha a Cidade da Rainha

Na continuidade do século XIX aquando do aparecimento da linha férrea do Oeste (1887-1888) que fazia a ligação entre Torre Vedras, Figueira da Foz e Alfarelos, a vila das Caldas ganha uma maior importância e reconhecimento nacional. Foi entre os anos de 1878 e 1890 que as Caldas da Rainha apresentaram um aumento mais significativo de população (SERRA, 2003, p. 55) «O factor que mais pesou nesta conjuntura foi o termalismo. As Caldas tornaram-se as termas da moda numa época que fez moda das termas.» (SERRA, 2003, p. 55). Não só com o aparecimento do caminho de ferro do Oeste e por este passar pelas Caldas, mas também pela passagem na vila de uma estrada que fazia a ligação ao norte do país (SARAIVA, 2002).⁷

Por intermédio da afluência de pessoas à vila, criou-se em 1890 uma nova avenida⁸ que pretendeu fazer a ligação entre a estação de comboio e a Praça da República⁹ (SERRA, 2003, p. 55). Foi também neste ambiente cosmopolita e de grande evolução da cidade - muito potenciada pela influência do termalismo - que surgiram as indústrias cerâmicas e novos quarteirões que se expandiram e que marcaram o século XX na vila (SERRA, 2003, pp. 55-57). Ainda assim, perante todo este cenário de evolução e crescimento, apenas no século XX, em 1927,

a vila das Caldas da Rainha passa oficialmente a cidade, com cerca de 7000 habitantes (SERRA, 2003, p. 58).

Nos anos seguintes, concretizou-se o plano de urbanização da cidade feito pelo Arquitecto Paulino Montês.

“(...) é convidado a elaborar um “estudo de urbanização” da nova cidade (...) esse primeiro instrumento de planeamento propõe como grandes prioridades a urbanização pela Câmara das cercas de Maria Carolina (os actuais quarteirões onde se situam os edifícios do Montepio e da Rodoviária Nacional) e do Borlão (o conjunto que tem como epicentro a Praça 25 de Abril), vastas áreas de particulares que haviam resistido ao avanço da cidade (...) orientou com eficácia o crescimento e disciplinou as áreas antigas (...)” (SERRA, 2003, p. 59).

Assume-se, assim, que o plano de urbanização do arquitecto pretendia não só consolidar malhas urbanas antigas, mas também incluir na cidade - à semelhança dos quarteirões e da praça da Igreja N^o Sr^a da Conceição, do Tribunal e da Câmara Municipal - espaços com funções administrativas e comerciais (SERRA, 2003, p. 59).

7 SARAIVA, José. (2002), **Caldas, Capital por Conta Própria**, minuto 07 '20 de 26' 04s

8 Atualmente designada como Avenida 1^o de Maio.

9 Atualmente designada como Praça 25 de Abril.



Fig. 23. Chegada Imaginária do comboio às Caldas da Rainha por Rafael Bordalo Pinheiro (30 jun. de 1887).



Fig. 24. Caldas da Rainha, 1925. Mapa com desenho de Fernando Correia (1893-1967).

Atividade Cerâmica

É no século XIX, por intermédio de todos os fatores evidenciados anteriormente, que a cidade das Caldas da Rainha ganha prestígio e destaque para o resto do país (SARAIVA, 2002).¹⁰ Aliado a este reconhecimento, já no final deste mesmo século, inauguram-se as indústrias de cerâmica e uma Escola de Desenho determinada a formar técnicos deste ofício, assim como a Fábrica de Faianças Bordalo Pinheiro. Com estas atividades, diversos moradores da cidade das Caldas da Rainha iniciaram a sua aprendizagem nesta arte. Desta forma, iniciou-se uma relação mais próxima da cidade com as artes, surgindo, então, pequenos negócios artesanais.¹¹ A fundação da Escola de Desenho e o crescimento da área artística na cidade possibilitou que, no século XX, emergissem não somente inúmeros artistas caldenses, mas também a economia da cidade, pois os negócios dependiam, em parte, destes comércios e dos consumos provenientes de sua própria região (SARAIVA, 2002).¹² Todo este crescente social e econômico implementou um maior rigor e técnica na Vila das Caldas da Rainha:

“Aliados ao cosmopolitismo da frequência termal, ao surto da cerâmica artística e decorativa, ao ensino do desenho, criaram uma exigência de

construção técnica e esteticamente cuidada (...).” (SERRA, 2003, p. 58).

¹⁰ SARAIVA, José. (2002), **Caldas, Capital por Conta Própria**, minuto 07 '20 de 26' 06s [Consult. 27 Dez. 2022]. Disponível em WWW: <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/caldas-capital-por-conta-propria/>>

¹¹ Ibidem, minuto 09 '00 de 26' 04s.

¹² Ibidem, minuto 09 '50 de 26' 04s.



Fig. 25. Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha.



Fig. 26. Aspecto da época da loja do Pavilhão de vendas da Fábrica de Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro.

2.3 Evolução Demográfica

Durante o estudo da geografia humana relacionada às Caldas da Rainha, principalmente no tocante a demografia, ficou evidente - e chamou bastante atenção - o fato de que parece ocorrer nos anos recentes dois fenômenos populacionais, opostos e de forma simultânea, quais sejam: uma diminuição no número da população total e um aumento considerável no número de imigrantes na cidade. De acordo com a pesquisa divulgada pela base de estatísticas Pordata com dados até o ano de 2021, o número de estrangeiros com estatuto legal de residente aumentou substancialmente de 2008 a 2021 nas Caldas da Rainha. Em 2008, do total da população, 4,4% deste correspondia ao número de estrangeiros com estatuto legal de residente; já em 2021, esse número aumentou em quase 100%, passando para 7,8% do total de 50.917,¹³ isto é, pouco mais de 3.970 indivíduos. O impactante aumento da população estrangeira não é exclusividade das Caldas da Rainha, este crescimento também se verifica em todo o país. Segundo os Censos de 2021, mais de 1 milhão de residentes em Portugal nasceram fora do país;¹⁴ nesse

mesmo ano, constatou-se que entraram no país 51 mil imigrantes, mais que o dobro da população que emigrou para outros países.¹⁵

Quanto ao mais, a população caldense aumentou de 2001 a 2021, passando de 48.563 para 50.917. Porém, é de suma importância salientar que, ao considerarmos somente os últimos dez anos, a população diminuiu: em 2011, o número era de 51.729, um valor que ultrapassa em mais de 800 o de 2021.

13 Pordata – INE, PORDATA. Lisboa. [Consult. 19 Novembro 2022], População estrangeira com estatuto legal de residente em % da população residente: total e por sexo. Disponível em WWW: <<https://www.pordata.pt/municipios/populacao+estrangeira+com+estatuto+legal+de+residente+em+percentagem+da+populacao+residente+total+e+por+sexo-363>>.

14 Pordata – INE, PORDATA. Lisboa. [Consult. 05 Janeiro 2023], População residente segundo os Censos: total e por naturalidade. Disponível em WWW: <<https://www.pordata.pt/portugal/populacao+residente+segundo+os+censos+total+e+por+naturalidade-3799>>.

15 Pordata – INE, PORDATA. Lisboa. [Consult. 05 Janeiro 2023], Imigrantes permanentes: total e por grupo etário. Disponível em WWW: <<https://www.pordata.pt/portugal/imigrantes+permanentes+total+e+por+grupo+etario-3255>>. Ver também:

Pordata – INE, PORDATA. Lisboa. [Consult. 05 Janeiro 2023], Emigrantes permanentes: total e por grupo etário. Disponível em WWW: <<https://www.pordata.pt/portugal/emigrantes+permanentes+total+e+por+grupo+etario-2522>>.



Fig. 27. Residentes em um café da cidade.

2.4 Utilidades ao nível do Piso Térreo

Elaborou-se um mapa de utilidades ao nível do piso térreo com o objetivo de compreender o modo de vida da cidade, os pontos de encontro e de permanência das pessoas. São mapeados os edifícios que têm no seu piso térreo espaços relacionados com o esporte, ensino obrigatório, ensino secundário, saúde, pré-escolar, serviços públicos, comércio, indústria, religião e cultura.

Partindo dos dados explícitos no mapa em questão, conclui-se que no que toca aos usos há uma certa discrepância na sua distribuição. À nascente da linha ferroviária há uma forte presença de estabelecimentos comerciais, enquanto no seu oposto, à poente, esta presença não se verifica com intensidade semelhante; a mesma lógica dessa distribuição – ou melhor, da falta dela – encontra-se ao observar onde os edifícios que prestam serviços públicos, por exemplo, se encontram (também à nascente), ou até mesmo os estabelecimentos relacionados à saúde, em sua maioria privados.

Para regalo da população local, as restantes tipologias mapeadas nesta planta (escolas, igrejas, estabelecimentos culturais) estão relativamente bem distribuídas. No entanto, à poente, estes estabelecimentos estão localizados quase que exclusivamente à sudoeste. Conclui-se que esta área é predominantemente residencial, o que poderia explicar a maior presença de escolas nesta parte da cidade.

Infere-se que é exatamente devido à existência em grande número de estabelecimentos comerciais, de serviços públicos; espaços culturais e históricos, que há uma maior mobilidade à nascente da linha ferroviária.

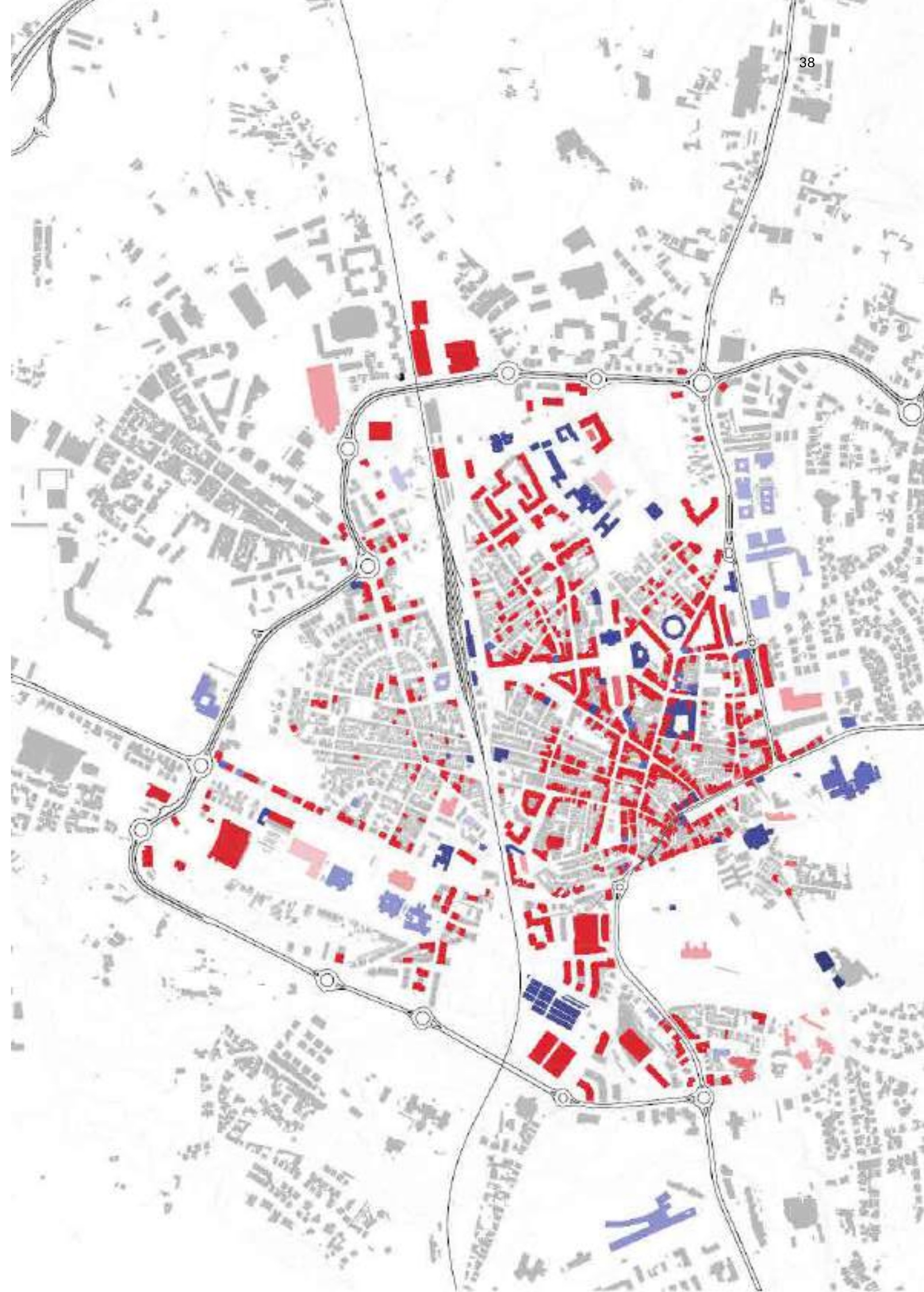
Em suma, a cidade parece estar, grosso

modo, dividida em área residencial à poente, e área comercial, à nascente.

Legenda.

- Indústria
- Serviços Públicos
- Saúde
- Ensino Superior
- Ensino Obrigatório
- Pré-escolar
- Esporte
- Cultural
- Religioso
- Comércio

Fig. 28. Mapa de Utilidades a nível do Piso Térreo, Caldas da Rainha. Escala 1:10.000.



2.5 Mobilidade

Rede Rodoviária

Considerou-se a presente questão da mobilidade na cidade e para a cidade. O acesso à cidade das Caldas da Rainha é feito pelas infraestruturas rodoviárias N114, A8, N360, N115 e N8. Após a análise foi verificado que um dos primeiros acessos rodoviários a servir a cidade foi a N8 e que ainda hoje faz a ligação entre Leiria e Lisboa; aparecendo mais tarde a via A8, realizando o mesmo percurso. Para além das citadas existem ainda: a estrada N114, que liga Peniche a Évora; a N115, que faz a ligação entre as Caldas da Rainha e Lisboa e, por fim, a estrada N360, entre a Foz do Arelho e Fátima.¹⁶

- Legenda.
- A8
 - N8
 - N114
 - N115
 - N360
 - Caldas da Rainha

Fig. 29. Mapa esquemático das vias de comunicações rodoviárias de acesso às Caldas da Rainha.

16 RODOVIÁRIA DO OESTE. Rede de Transportes. Carreiras Interurbanas Rocaldas [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 26 Set. 2022] Disponível em: <http://rodoviariadooeste.pt/rede-de-transportes> e POLITÉCNICO DE LEIRIA. Mapa da Cidade. Caldas da Rainha Mapa da Cidade [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 06 Out. 2022] Disponível em: <https://www.ipleiria.pt/esadcr/wp-content/uploads/sites/17/2022/03/MAPA-C-EDIFICIOS.pdf>



Rede de Transportes Públicos

Verificando a mobilidade na cidade (re-correndo ao uso de mapeamentos de carreiras interurbanas e de rede de transportes) foi possível perceber quais os transportes públicos que permitem o acesso à cidade a nível distrital e que carreiras interurbanas atravessam o concelho. Conclui-se que a linha férrea do Oeste (construída no século XIX) assegura a ligação entre a Figueira da Foz e Lisboa, embora esta não seja muito utilizado pela população. Em contrapartida, as carreiras rodoviárias do Tejo¹⁷ são os principais meio de transporte da população, pois garantem a ligação entre as Caldas da Rainha até as suas cidades vizinhas.

17 Rodoviária do Oeste, a rodoviária do Lis e as carreiras rápidas.



Fig. 30. Carreiras interurbanas que atravessam o Concelho.

Rede Urbana – TOMA (Mobilidade Interna)

Do mesmo modo, teve-se em consideração a mobilidade interna, a Rede de Transportes Urbanos (TOMA). Em 2007, a Câmara Municipal das Caldas da Rainha criou o projeto TOMA, com o objetivo de melhorar a mobilidade urbana e, deste modo, diminuir o número de automóveis dentro da cidade, contribuindo para um desenvolvimento sustentável do território. Deste modo, hoje a TOMA disponibiliza uma maior facilidade nos acessos aos principais polos geradores de tráfego, nomeadamente o centro da cidade, os estabelecimentos de ensino, terminais de transporte, equipamentos esportivos, hospitais e centros de saúde. O projeto iniciou-se com apenas duas linhas (Linha Laranja e Linha Verde), mas, em 2009, criou-se mais uma, a linha Azul. Em 2014 houve um reforço na Linha Verde com o intuito de facilitar o transbordo diário escolar nos dias úteis, influenciando algumas zonas da cidade, como a Cidade Nova, Bairro da Ponte e Bairro das Morenas.¹⁸

- Legenda.
- Linha Laranja
 - Linha Verde
 - Linha Azul

Fig. 31. Mapa esquemático das linhas da rede urbana TOMA. Escala 1:10.000.

18 CAMARA MUNICIPAL DAS CALDAS DA RAINHA. **TOMA**. Projeto Piloto de Transporte Urbano [Em linha]. Caldas Da Rainha.



2.6 Análise SWOT

Como forma de sintetizar e compreender as informações recolhidas, na última fase de trabalho em grupo, e por intermédio de visitas e de observações da cidade, elaborou-se uma análise SWOT (*Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats*; ou Forças, Fraquezas, Oportunidades, Ameaças, em português), bem como a elaboração de um mapa de análise do território das Caldas da Rainha.

- Legenda.
- Espaço Público
 - Lago Parque Dom Carlos I
 - Edifício em Ruína
 - Vazio Estacionamento
 - Vazio Estacionamento Murado
 - Vazio Lote
 - Vazio Lote Murado

Fig. 32. Análise do Território. Escala 1:10.000.



Forças:

- Linha férrea, pressupondo que o novo projeto da Refer se concretiza e a cidade das Caldas da Rainha combate em tempo e em distância as grandes cidades, como o Porto e Lisboa;
 - O turismo ligado à sua tradição artística e termal;
 - A Escola Superior de Artes e Design (ESAD), pertencente ao Politécnico de Leiria, mas com campus na cidade das Caldas da Rainha. Ponto de referência para jovens estudantes e novos artistas para a cidade;
 - Parque D. Carlos I, pela sua intemporalidade;
 - O comércio;
 - A sua história e referência pela figura Raphael Bordallo Pinheiro e seus reconhecimentos artísticos, nomeadamente a cerâmica;
 - Facilidade de mobilidade, indo ao encontro do conceito urbano da *Cidade dos 15 minutos*;
 - Serviços e equipamentos públicos.
- terpopulacional e espacial entre a região nascente e poente;
- Expansão de áreas verdes.

Oportunidades:

- A criação de possíveis espaços de permanência;
- O aproveitamento de espaços não utilizados na cidade;
- O aproveitamento de estruturas pre-existentes;
- Requalificação e prolongamento da ciclovia;
- Recuperação do termalismo na cidade;
- Aprimorar e encorajar a débil relação in-



Fig. 33. ESAD - Ipleiria.



Fig. 34. Espaços não utilizados.

Fragilidades:

- O estacionamento, bem como os espaços vazios da cidade a serem aproveitados para estacionamento de automóveis;
- O grande número de ruínas, edifícios degradados e/ou inacabados;
- O acesso até à Escola Superior de Artes e Design (ESAD);
- Os acessos pedonais;
- A carência de espaços verdes;
- A débil relação entre o lado nascente e o lado poente da cidade por intermédio da linha férrea que, por sua vez, tornou-se numa barreira física para a cidade;
- Poucas vias acessíveis entre as referidas regiões nascente e poente.

Ameaças:

- O excessivo número de automóveis na cidade;
- O desalinhamento e o descontrole da escala do edificado em algumas partes da cidade;
- A ausência de espaços com vegetação.



Fig. 35. Descontrole da escala do edificado.



Fig. 36. Linha férrea.

A partir da análise SWOT, foram identificados um conjunto de pontos de partida para a estratégia geral que se revelaram de grande importância para o desenvolvimento das propostas individuais. Percebe-se, portanto, que a cidade apresenta um conjunto de tópicos relevantes como a falta de espaços verdes e de permanência na cidade; o elevado número de automóveis a ocupar a via pública e passeios; a quantidade de estacionamentos e a densidade de construção; a forte presença das linhas de comboio que compartimentalizam a cidade em dois. Estes tornaram-se os temas e aspectos a considerar no desenvolvimento do trabalho, tendo sido representados num mapa síntese através de várias camadas, transmitindo a ideia do que é a cidade das Caldas da Rainha no presente momento. São identificados:

- Vazios
 - a) murados
 - b) em ruína
 - c) com espaços verdes
 - d) ocupados por estacionamentos
- Espaços Públicos
- Espaços Verdes



Fig. 37. Lotes vazios.



Fig. 38. Estacionamentos em vazios urbanos.

2.7 A Cidade na Atualidade

Atualmente, o município conta com 50.917 habitantes¹⁹ distribuídos pelas 12 freguesias existentes. O trabalho desenvolvido ao longo deste ano centra-se nas duas freguesias separadas pela linha férrea, sendo estas: União das Freguesias das Caldas da Rainha - Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório e União das Freguesias das Caldas da Rainha - Santo Onofre e Serra do Bouro.

Constata-se que, hoje, o propósito da cidade deixou de ser a sua forte relação termal e, apesar disso, assumiu-se que nenhuma outra área se apresentou com tamanha importância no crescimento e desenvolvimento da cidade das Caldas da Rainha como o termalismo - «A vertente termal deixou de ser determinante na vida da cidade de hoje, sem que uma outra componente igualmente forte tenha ocupado esse lugar.» (SERRA, 2003, p. 48). Contudo, ainda é possível observar na cidade vestígios da passagem do tempo e da relação termal com a presença do Hospital Termal e com o notável espaço verde do Parque D. Carlos I na cidade. Ainda assim, as Caldas da Rainha continua a manter algumas das suas tradições e práticas que ainda hoje acompanham a população caldense. Exemplo facilmente aferível da existência dessas dinâmicas é o centro histórico da cidade, local de permanência de pessoas e de realizações de diversas atividades, a constatar pelo Mercado da Fruta. «(...) as Caldas continuam a dispor de um centro histórico vivo, onde todos os dias se faz e desfaz um mercado de géneros (...)» (SERRA, 2003, p. 49).

Observa-se ainda que é característico da

cidade atual a diferença de escalas do edificado, uma marca da passagem do tempo. Numa primeira instância, a cidade inseriu edifícios de pequena escala apenas com um ou dois pisos. Com o passar do tempo e, naturalmente, com o crescimento demográfico da cidade, compreende-se um segundo momento marcado pelo início do regime fascista do Estado Novo, no qual o número de pisos por edificado aumenta, passando a ter entre três e cinco. Por último, evidenciam-se os edifícios de grande escala na cidade, com nove a doze pisos. Todas estas marcas da passagem do tempo influenciam a leitura e a compreensão da cidade e, ao mesmo tempo, vinculam as épocas, a história e os períodos que definem a cidade atual.

Edifícios Relevantes.

Neste seguimento, ainda que os propósitos sejam diferentes aos do século XV, a cidade das Caldas da Rainha apresenta, hoje, no século XXI, um conjunto de edifícios marcantes e com história e que, de um modo ou de outro, contribuíram para a cidade tornar-se naquilo que é hoje. Levando isto em consideração, destacam-se os seguintes edifícios notáveis:

- 1 - Hospital termal
- 2 - Mercado da Fruta
- 3 - Pavilhões do Parque
- 4 - Parque D. Carlos I
- 5 - Museu José Malhoa
- 6 - Praça 5 de Outubro
- 7 - Fábrica de Faianças Bordallo Pinheiro
- 8 - Grand Hotel Lisbonense
- 9 - Antiga Fábrica SECLA
- 10 - Estação de Comboios da cidade
- 11 - Câmara Municipal das Caldas da Rainha
- 12 - Tribunal Judicial da Comarca de Leiria | Caldas da Rainha
- 13 - Igreja da Nossa Senhora da Conceição
- 14 - Silos
- 15 - Escola Superior de Artes e Design
- 16 - Centro Cultural e Congressos Caldas da Rainha.



Fig. 39. Mapa de Edifícios Relevantes. Escala 1:10.000.



Fig. 40. Centro Cultural e Congressos Caldas da Rainha.



Fig. 41. Linha férrea - Caldas da Rainha.



Fig. 42. Praça 5 de Outubro.



Fig. 43. Praça 25 de Abril.

3. Projeto

Individual

Residência Artística e Jardim Urbano



Fig. 44. Imagem aérea com vista para o terreno de intervenção.



Fig. 45. Vista do terreno pela sua cota altimétrica mais baixa (28 m).



Fig. 46. Vista do terreno pela sua cota altimétrica mais alta (42 m).

3.1 Análise

Características da zona de intervenção

Situado na Rua Luís Caldas, à poente da linha ferroviária das Caldas da Rainha, o terreno da antiga 'Quinta do Elias' utilizado neste trabalho para acolher um novo jardim urbano e uma residência artística tem, grosso modo, 1,9 ha de área.

À volta do seu perímetro, mais especificamente à sul e à oeste, encontram-se edifícios de tamanhos consideráveis, fora da escala da cidade: 20 metros de altura e, alguns, com comprimentos que chegam a até 70 metros de extensão. No interior do lote, verificam-se alguns desafios e oportunidades, quais sejam: edifícios preexistentes, ruínas, vegetação (yuccas e pinheiros), muros que circundam todo o perímetro do terreno, entre outros. Ademais, há a oportunidade do grande desnível do terreno, no qual a diferença entre a cota mais baixa e a mais alta é de 14 metros. Desta característica desafiadora e oportuna, é possível aproveitar a vista que se faz disponível a partir da parte mais elevada do lote que, por sua vez, possibilita que os visitantes usufruam de um panorama privilegiado do pôr do sol, mesmo com a presença dos imponentes edifícios fora da escala da cidade.

No mais, o solo do lote é composto na sua superfície quase que exclusivamente por ervas, tornando o espaço em um dos únicos relativamente amplos e verdes dentro da circular das Caldas da Rainha à poente da linha férrea.

A mobilidade até o terreno do projeto pode ser feita caminhando, em bicicleta utilizando-se de ciclovias e com transportes públicos através da linha laranja do TOMA,

tendo em vista que há uma paragem a poucos metros do lote, em frente à Rua Victorino Frois. No mais, encontram-se nos arredores do local de intervenção a Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha, a Residência de Estudantes Rafael Bordalo Pinheiro e o Pavilhão Rainha D. Leonor.



Fig. 47. Ortofotomapa do terreno de intervenção. Escala 1:2.000.

Evolução Histórica

Pela sua localização à margem do centro histórico da cidade, o terreno da residência artística não possui muitas informações disponíveis para consulta. Fotografias aéreas e térreas; plantas e outros documentos históricos pertinentes são escassos ou inexistentes. No entanto, por uma inserção valorosa do projeto no terreno, foi necessária uma abordagem crítica em relação à *preexistência ambiental* sem perder de vista sua natureza dialética (ROGERS, 2006, p. 102), e para isso, foi de suma importância a análise histórica do terreno. Portanto, as informações consideradas imprescindíveis serão aqui descritas a partir de conclusões extraídas das análises desses poucos documentos, tal como de análises críticas do conjunto de elementos contemporâneos que contribuem, juntamente com os documentos, para uma melhor compreensão da evolução histórica do terreno em questão.

Décadas de 60–70

Na segunda metade do século XX, o terreno do projeto era ocupado por uma quinta, como é possível verificar na carta militar do período, cujo nome “Qta. do Elias” encontra-se marcado justamente sobreposto ao local de intervenção. No mais, é possível observar com mais clareza a forma e a localização das construções que ainda hoje encontram-se presentes, estando alguns em estado de ruína. Destes edifícios, um era utilizado como estufa de flores; outro, de menor dimensão, era um tanque para a lavagem das plantas e, por último, um edifício

usado como armazém para as flores. Dos que ainda estão preservados, compreende-se edifícios que eram utilizados como habitação, armazém e um último para a manutenção de uma horta, cuja estrutura ainda persiste, localizada à sudoeste do terreno. Ainda, é possível verificar na carta militar que os muros que circundam o terreno estão marcados com uma forte expressão, estando bastante claro que o limite do lote não foi alterado desde então.

As imponentes habitações coletivas de grande escala que hoje contornam o terreno ainda não estavam construídas, podendo deduzir-se, portanto, que o espaço do projeto desfrutava de amplas e profundas vistas da cidade sem grandes barreiras visuais, pois o edificado no seu entorno ainda não era substancial, principalmente à poente, norte e sul.

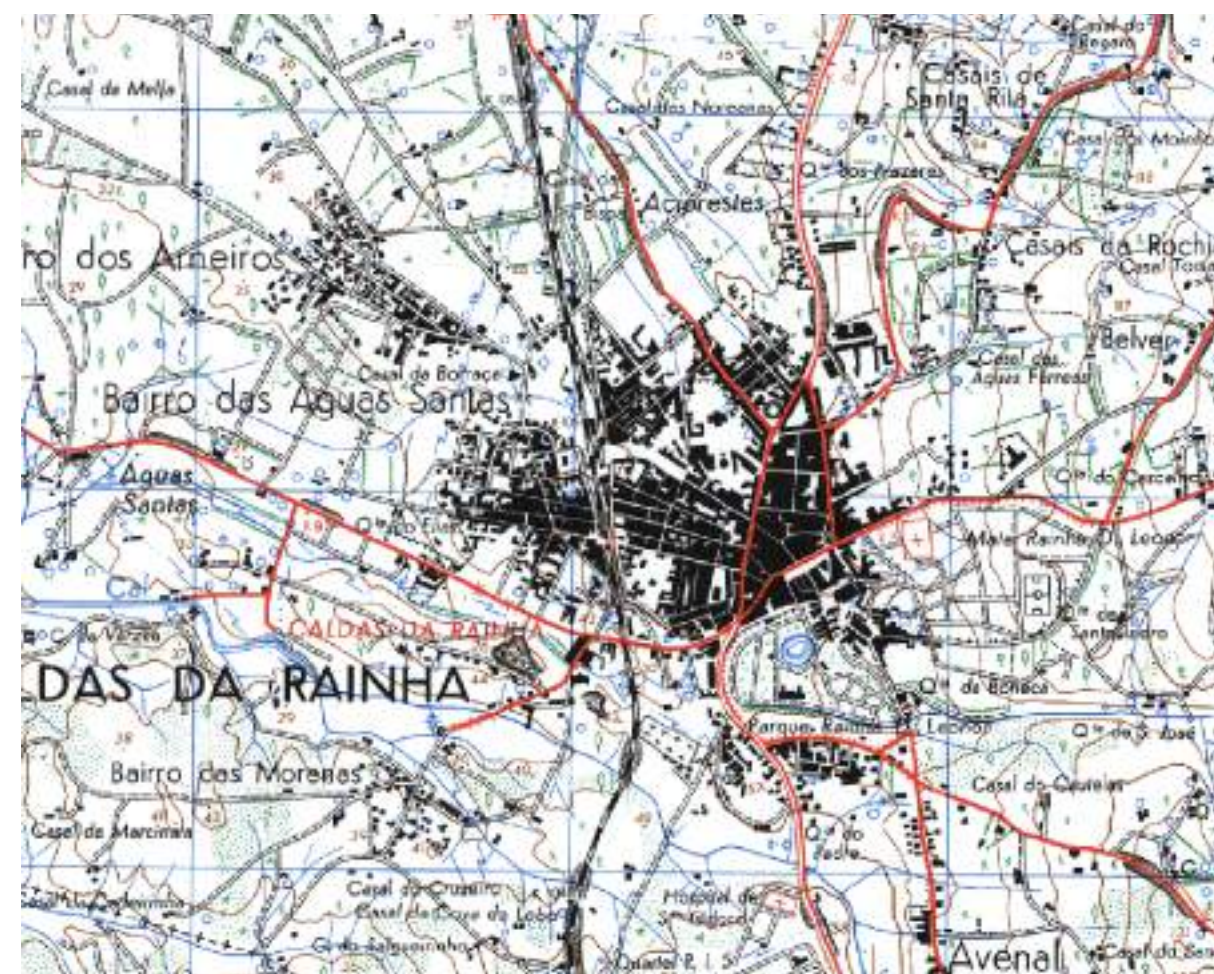


Fig. 48. Carta militar 1960-70. Escala 1:20.000.

2004

Já no século XXI, observa-se que a antiga 'Quinta do Elias' não está mais identificada, visto que, atualmente, o terreno encontra-se à venda. Parte dos seus edifícios mantêm-se conservados; outros, no centro e à poente do lote, desapareceram, pois, como já referido, estão atualmente em estado de ruína. Ainda, é possível observar que os muros circundantes já não se encontram marcados porque, assim como os edifícios supracitados, parte deles estão degradados. É de salientar que hoje o lote conta com a presença de pinheiros e Yuccas, no entanto, segundo residentes, no passado, o terreno dispunha de um número mais elevado de árvores se comparado aos dias atuais, sendo que esta redução foi devido a uma forte tempestade que atingiu a cidade no fim da década de 80. O resultado disto foi a derubada de diversas destas árvores, incluindo algumas centenárias.

Na circundante do terreno, o aparecimento de inúmeros edifícios ao redor da circular das Caldas da Rainha leva a conclusão de que, nas últimas décadas, a cidade cresceu consideravelmente, principalmente à nascente do território. Houve também um aumento bastante notável na escala dos edifícios no entorno imediato do terreno em que se interveio.

Presume-se, portanto, que, levando em consideração as tendências urbanísticas apresentadas ao longo das últimas décadas e a futura eletrificação da linha férrea da cidade, as Caldas da Rainha continuará a crescer e a receber mais pessoas de fora do seu território.



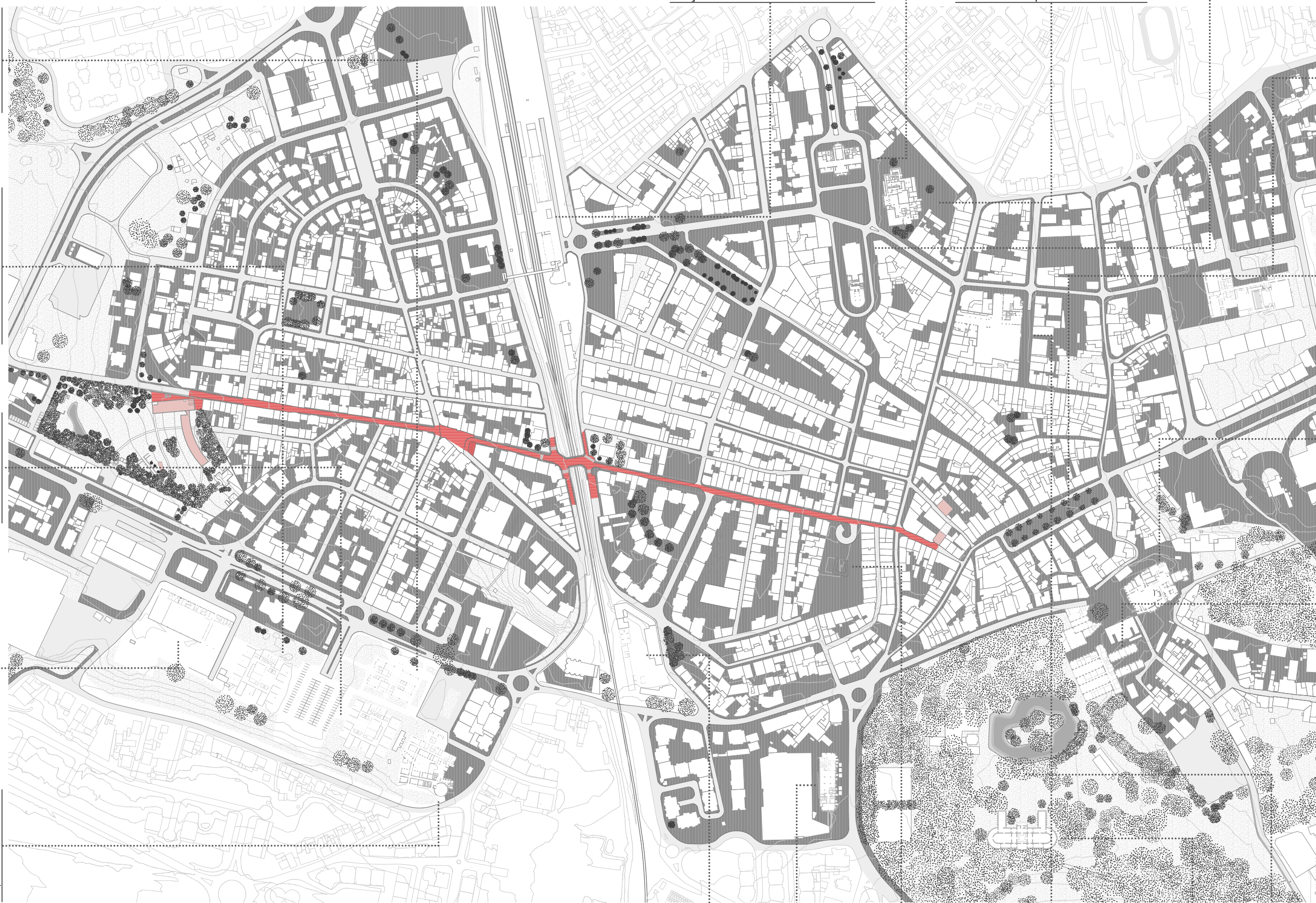
Fig. 49. Carta militar 2004. Escala 1:20.000.

Da Margem ao Centro

Estratégia Geral

Biblioteca Municipal
Caldas da RainhaEscola de Hotelaria e Turismo
do Oeste / Teatro da RainhaUniversidade Sênior
Rainha Dona Leonor

Pavilhão Rainha D. Leonor

Escola Técnica
Empresarial do OesteFig. 50. Planta geral de intervenção. Eixo
Leste-Oeste. Escala 1:4000.

Estação de Comboio Caldas da Rainha

Tribunal Judicial Caldas da Rainha

Câmara Municipal Caldas da Rainha

Igreja da Nossa Senhora da Conceição

Centro Cultural e
Congressos Caldas da Rainha

Praça da Fruta

Hospital Termal

Pavilhões do Parque

Loja da Fábrica
Bordallo Pinheiro

Silos Criativo

Grand Hotel Lisbonense

Praça 5 de Outubro

Terminal Rodoviário de Caldas da Rainha

Museu José Malhoa

Parque D. Carlos I

Estratégia Geral/ Tema do projeto

A estratégia geral adotada para este projeto teve como escopo a ideia de buscar um reordenamento da utilização dos variados espaços disponíveis dentro da territorialidade urbana das Caldas da Rainha no âmbito de seus moradores, tanto estáveis quanto flutuantes. Com o mote numa maior e melhor integração entre as diferentes comunidades levando em consideração o grande aumento de imigrantes na cidade, vislumbrou-se a possibilidade de se praticar ações no sentido de promover polos migratórios para as Caldas da Rainha. Através de inúmeras visitas e pesquisas de campo em pontos estratégicos da cidade, foi possível pautar questões sócio-urbanísticas dignas de nota. Sem perder de vista o já referido aumento da população estrangeira nos últimos dez anos, ressalta-se, por exemplo, que, na geografia da cidade, há um recorte no seu desenho topográfico onde a linha ferroviária das Caldas da Rainha atravessa o seu eixo norte-sul a separar o seu conjunto em dois blocos urbanísticos, mais especificamente, as regiões nascente e poente; cada uma das quais com peculiaridades por fim bastante contrastantes. A região nascente apresenta-se privilegiada economicamente, pois é onde estão localizados os principais centros culturais, espaços de lazer, praças públicas, estabelecimentos comerciais e educacionais, a exemplo da Escola Superior de Artes e Design – Politécnico de Leiria (ESAD). Por outro lado, na região poente, o que se observa é uma área predominantemente residencial, sem tantos atrativos culturais e de lazer, o que acaba refletindo no valor imobiliário do metro quadrado, com-

parativamente menor em relação à primeira; além disso, carece de espaços públicos bem-sucedidos como a Praça da Fruta e a Praça 5 de Outubro, ambas consideradas áreas de alta frequência de público e que, há mais de dois séculos, servem de palco para a vida social caldense.

No que se tange às ligações pedonais e viárias interligando as regiões leste e oeste, destaca-se a Rua 15 de Agosto, disposta geograficamente de forma perpendicular à linha férrea, viabilizando assim conectar ambos os polos da cidade já mencionados. Esta via segue sem grandes desvios viários, e acaba por se constituir então na única ligação a permitir atravessar a linha ferroviária sem variação sequer de cota altimétrica enfatizada. Em termos comparativos, nos demais trechos, as conexões obrigam os transeuntes a circularem por espaços com uma significativa variação de cota altimétrica, a exemplo da oblonga ponte localizada acima da estação de comboios das Caldas da Rainha, cujo acesso só é possível a peões que reúnem condições físicas mínimas para ascender e descender, em cada fase do processo, três lances de escada. Esta ponte, em particular, supera em quase dez metros o nível altimétrico da estação, naturalmente no intuito de tentar-se não obstruir a continuidade das linhas de comboio. Mais ao norte, uma outra ligação depara-se com uma situação inusitada, qual seja: por ser uma passagem sub-férrea como a adentrar um vale, o peão ou automóvel é obrigado a primeiro descer a via até seu fosso logo abaixo dos trilhos do trem para depois ascender, numa espé-



Fig. 51. Vista para nascente pela Rua 15 de Agosto.



Fig. 52. Vista para poente pela Rua 15 de Agosto.

cie de “u” viário. Pode-se concluir a partir do que foi constatado que a linha de comboios das Caldas da Rainha, construída no século XIX, foi em grande medida responsável pela divisão e separação da cidade em duas metades ou parcelas: “o lado de cá e o lado de lá” da estação ferroviária.

Apartir das impressões preliminares seguidas de estudos mais acurados do contexto sociogeográfico da localidade, ficou evidente a necessidade de intervir no cenário urbano no sentido de se poder atuar de alguma forma sobre tais compartimentalizações destoantes na geografia física com impactos negativos na sua geografia humana. Integração e integração tornaram-se, portanto, palavras-chave das metas do projeto. Eixo central do pensamento: criar uma situação atrativa objetivando aproximar e reintegrar as duas metades da cidade, focado na tentativa de ajudar a quebrar o paradigma de que comunidades mais vulneráveis vivam nas áreas mais periféricas do miolo urbano, à margem dos polos decisórios e da vida sociocultural do centro da cidade. Não é exagero pautar que tal realidade está presente na grande maioria das aglomerações urbanas no mundo todo. No mais, o enfoque foi direcionado no objetivo de contribuir para uma cidade que seja mais desejável para se estar e viver, moldando e procurando fortalecer parcialmente - em consonância com a situação contemporânea do território - os valores que são comumente associados às urbes - um senso de lugar e pertencimento, continuidade, segurança e previsibilidade - e nutrindo possibilidades urbanas - agitação, interação, comércio, ofertas culturais e muito mais. (LANDRY, 2000, p. xiv.)

Resultado do confronto com essas dis-

crepâncias, surgiu então a ideia de abordar a questão da relação espacial nascente-poente lidando ao mesmo tempo com as questões demográfico-populacionais. No juízo de compatibilizar as metas traçadas, buscou-se então uma solução lógica, de qualidade arquitetônica, acolhedora e que respeitasse a história caldense, além de fazer ressignificar o que se entende por morar, viver e existir nas Caldas da Rainha. Repensar toda a cidade, de uma ponta a outra, o seu conjunto, com intervenções simbólicas que ofereçam respostas tangíveis aos seus problemas atuais, ignorando ou desafiando as limitações impostas pela lógica do investimento-lucro arraigado na sociedade capitalista.

Localizado no lado oposto ao do centro da cidade, vislumbrou-se para o terreno escolhido propósitos de cunho artístico-culturais voltados para toda a população; uma oferta de cultura, além de uma nova possibilidade de sociabilização em uma área praticamente ignorada se comparada, a fim de exemplificar, ao centro histórico das Caldas da Rainha. Não se idealizou, como de costume, mais uma habitação coletiva fora da escala da cidade, com dezenas de apartamentos pouco espaçosos, atendendo as prioridades lucrativas do mercado imobiliário com efeitos nocivos ao modo de vida do cidadão. Neste trabalho, a utopia (no sentido usado por Manfredo Tafuri) foi praticada e exercitada, não como algo etéreo, um ‘não-lugar’, mas sim como uma possibilidade real, explorando ao máximo o seu significado de idealização de um mundo factível e ao alcance dentro da plausibilidade encantada pelo otimismo, agregando valores ao que a arquitetura tem de instrumentalização da visão humanística dos seus



Fig. 53. Ponte sobre a estação de comboios.



Fig. 54. Passagem sub-férrea.

artífices, ressaltando e valorizando preceitos éticos dentro do contexto de consciência de responsabilidades sociais; procurando estar longe do que Manfredo Tafuri chamou de o “drama” da arquitetura: “o de ver-se obrigada a voltar a uma arquitetura pura, exemplo de forma privada de utopia, nos melhores casos, sublime inutilidade.” (TAFURI, 1985, p. 10). A arquitetura explorada foi a que Tafuri denominou de ‘arquitetura engajada’, arquitetura esta que é política e socialmente envolvida (apud BIRAGHI, 2013, p. 27).

As primeiras ideias surgiram, portanto, a partir deste ideário de ligar os dois pontos nascente-poente das Caldas da Rainha, de forma a reunificar a cidade, mitigando os impactos negativos da separação causada pela linha férrea. Para tanto, identificou-se um eixo que liga uma ponta a outra sem acentuados desníveis de cota altimétrica, eixo este que passa pela já referida passagem da Rua 15 de Agosto.

Cada extremo da ligação Leste-Oeste identificada recebeu um programa que atende às necessidades da cidade em terrenos atualmente devolutos. À nascente, a poucos metros do centro histórico, encontra-se um novo espaço para integração de imigrantes em uma ruína e em um imóvel desocupado; à poente, em um terreno de 1,9 ha, uma residência artística com espaço público no piso térreo implantada em um novo jardim urbano encontra espaço-ocupação. O objetivo é bastante claro e abrangente: mira as populações mais carentes, a incluir imigrantes, atraindo-as para o centro histórico, ao mesmo tempo em que aqueles que estão situados no centro urbano se deslocem até a margem do terri-

tório a fim de vivenciar práticas e eventos culturais em um novo espaço verde. Deste modo, a diversidade populacional, assim posto num caldeirão social, concretizaria uma realidade mais aprazível e tangível do que está presente hoje nas Caldas da Rainha. No mais, a tematização e a escolha de programas e programações são produto das análises e deliberações produzidas na própria cidade, pois para que seja possível gerar mais variabilidade nas atrações é preciso compreender a cidade e, para isso, é preciso “admitir de imediato, como fenômeno fundamental, as combinações ou as misturas de usos, não os usos separados.” (JACOBS, 2000, p. 158). Uma das metas traçadas do trabalho do projeto prático foi potencializar a capacidade das Caldas da Rainha de gerar diversidade nos usos e nas tipologias de ambas as regiões, mas para que isto se verificasse, seria necessária uma maior presença de pessoas ao longo do dia nas regiões em que se está trabalhando (JACOBS, 2000, p. 176), daí a idealização de um espaço público para eventos em uma residência artística e um novo jardim urbano.

Os dois projetos, em conjunto, buscaram levar em consideração o contexto geral da cidade em que foram inseridos, isto é, os seus desafios que requerem decisões políticas; valores históricos há muito desenvolvidos e ainda em desenvolvimento (a exemplo da tradição artística das Caldas da Rainha); a tendência de expansão da cidade para fora do centro histórico... Em suma, objetivaram ser influenciados por aquilo que merece atenção na realidade caldense, não ignorando o fato de que a arquitetura é influenciada por inúmeros fatores exteriores à



Fig. 55. Av. Primeiro de Maio, Caldas da Rainha.



Fig. 56. Plano McMillan. Movimento City Beautiful, 1902.

criatividade do arquiteto, ou seja, sem perder de vista que “o conjunto da cidade moderna é, na sua estrutura, uma enorme «máquina social».” (TAFURI, 1985, p. 71).

Apesar do eixo identificado, a linha de raciocínio do projeto não tem a pretensão de ser análoga à lógicas recorrentes no urbanismo praticado durante alguns regimes fascistas como, por exemplo, a implantação de edifícios importantes ao fim de um longo traço axial, mesmo que para tal seja necessário a demolição de diversas construções pre-existentes; ou ao movimento *City Beautiful* do século XX na América do Norte, que buscava edifícios orquestrados no decurso de longas e dramáticas linhas axiais, todos desenhados para gerar um senso espetacular do cívico (CHING, 2017, p. 688). Para poder começar a pensar em qual será o senso cívico de um lugar de forma acurada, é necessário, primeiro, que todos se sintam cidadãos. É de salientar que habitar pressupõe, sobretudo, identificação com o ambiente (NORBERG-SCHULZ, 1981, p. 20). A linha de orientação foi, portanto, o de contribuir para tornar as Caldas da Rainha em uma cidade que aceita e se adapta a mudanças - neste caso em específico na mudança da demografia que ainda está em curso. Para mais, aplicou-se um pensamento de Kevin Lynch no decorrer do projeto: o de buscar que as referidas mudanças sejam aplicadas ou implantadas onde é necessário e sem degradar as comunidades existentes. Os espaços nos quais os novos programas foram implantados, foram trabalhados visando diminuir a privação e a segregação, não para acentuá-las (LYNCH, 1968, p. 138).

No que respeita ao tema da relação margem-centro explorada neste trabalho, tal como o objetivo deste, seria possível traçar um paralelo com o projeto da Ponte sobre a Ribeira da Carpinteira, projetada pelo arquiteto João Luís Carrilho da Graça na Covilhã pelo Programa Polis, apesar de que esta, diferente do projeto prático deste trabalho de conclusão de curso, teve como desafio e motivador principal do projeto a realidade topográfica do local. Neste caso, o distanciamento entre margem e centro urbano é originado por um vale. No entanto, sua pertinência se mantém pelo intuito evidente da construção: esta ponte teve como objetivo facilitar a acessibilidade entre o bairro social dos Penedos Altos, na periferia, ao centro urbano da cidade. A ponte é a materialização de um ideal - neste caso encabeçado pelo arquiteto Nuno Teotónio Pereira - de unificar a periferia e o centro de uma cidade cuja mobilidade pedonal fluida é um desafio justamente por estar localizado em uma região com relevo acentuado.

Em síntese, a linha de raciocínio teve como enfoque a relação margem-centro das cidades e explorou como a discrepância muito recorrente que existe entre estas regiões dentro de uma cidade pode ser moldada – sempre a julgar pela realidade material e cultural específica do lugar – para contribuir para um espaço urbano mais inclusivo, integrado e diversificado, até mesmo no que se refere à diversidade de fauna e flora que, nas Caldas da Rainha, tem sofrido com o crescimento da malha urbana em detrimento de suas antigas áreas verdes.



Fig. 57. Ponte sobre a Ribeira da Carpinteira.



Fig. 58. Placa com informações a respeito da Ponte sobre a Ribeira da Carpinteira.

Primeiras ideias de Intervenção

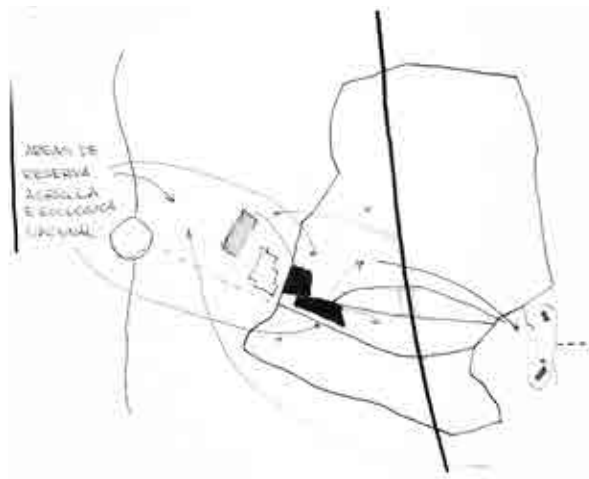


Fig. 59. Estratégia geral de intervenção. Outubro, 2022.

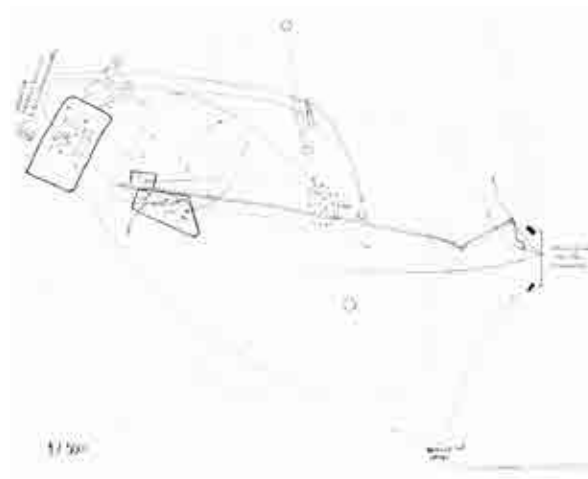


Fig. 60. Estratégia de programas. Outubro, 2022

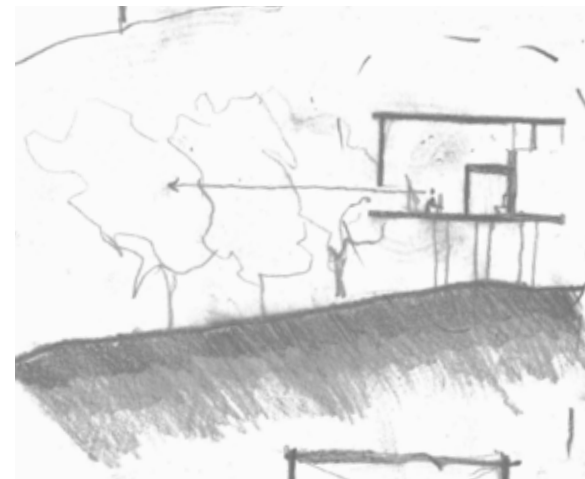


Fig. 62. Corte de estudo dos ateliês. Fevereiro, 2023

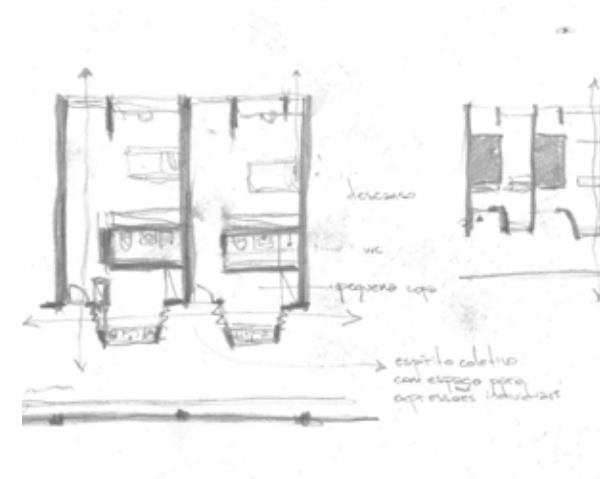


Fig. 63. Relação quarto-galeria e ventilação cruzada. Fevereiro, 2023

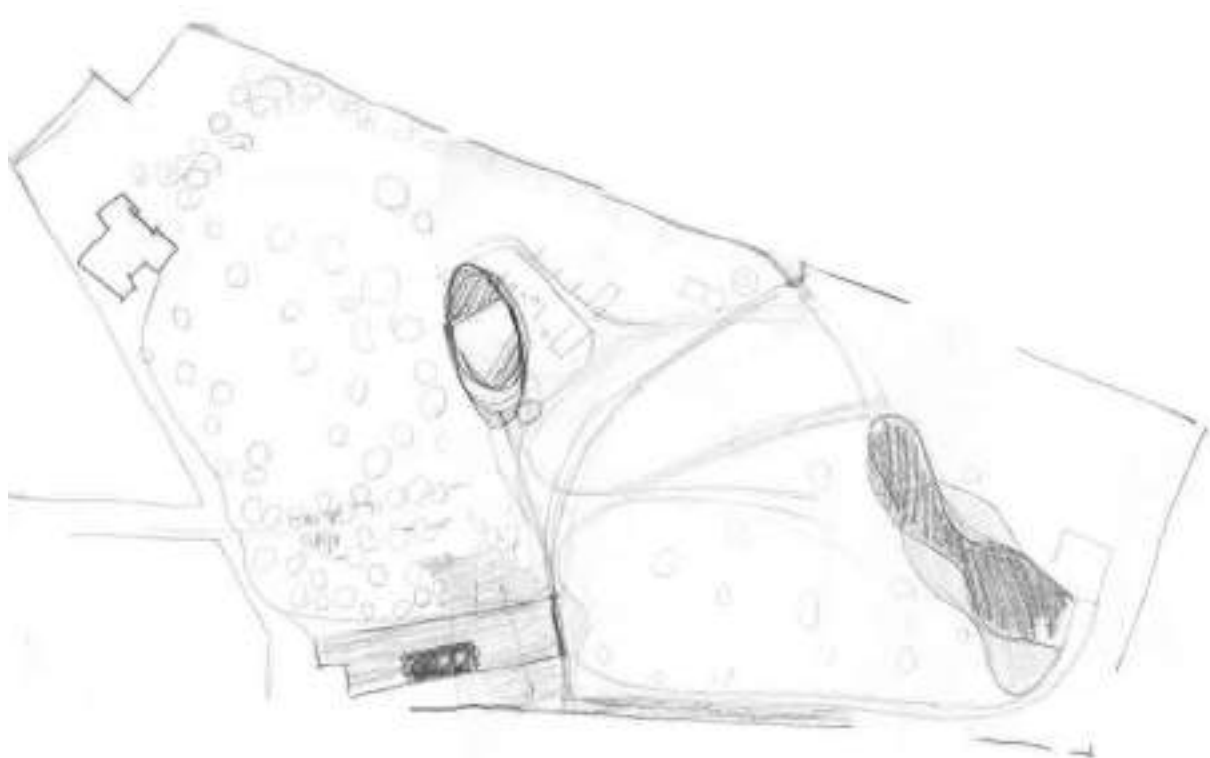


Fig. 61. Estudo de implantação do projeto. Dezembro, 2022.

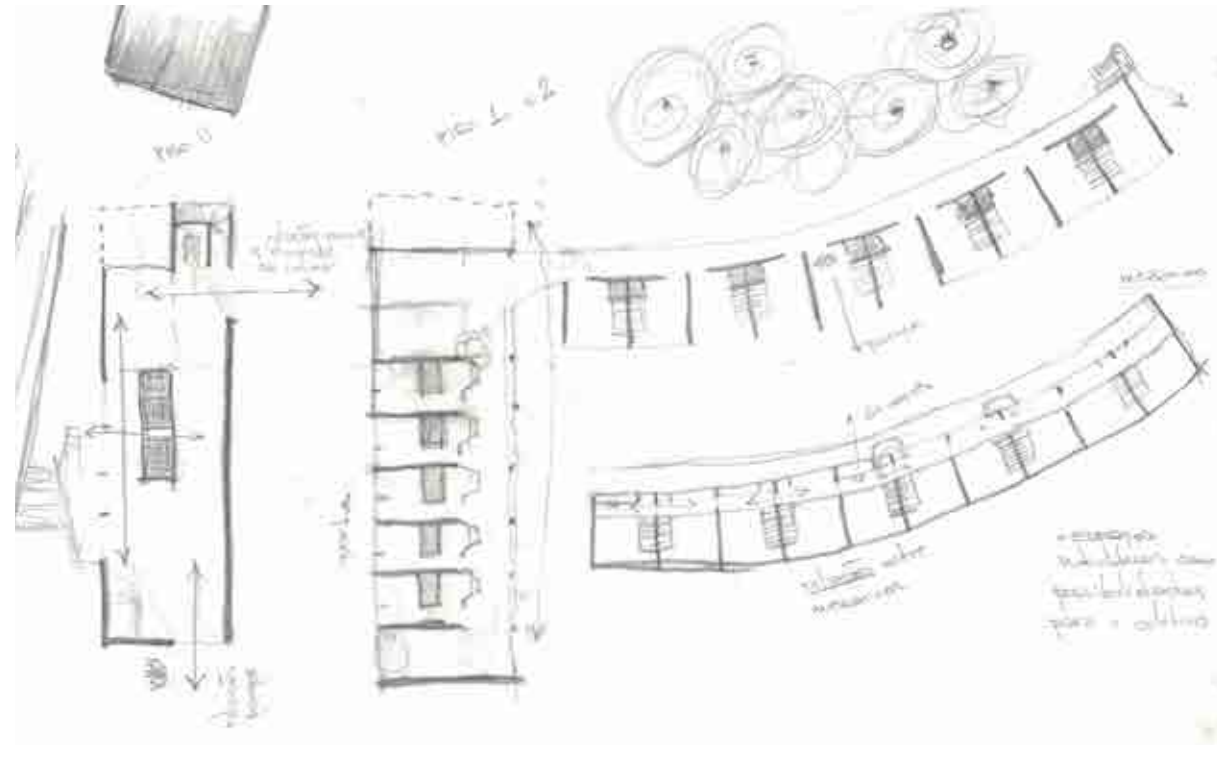


Fig. 64. Relação entre espaços e esquemas de vistas. Março, 2023

Elementos mantidos e removidos

O terreno na Rua Luís Caldas chamou atenção por diversos motivos, desde a sua localização e área que ocupa, até as ruínas e edifícios existentes que faziam parte do que antes era a 'Quinta do Elias'. No entanto, com o avançar do trabalho e com o gradual esclarecimento do que era necessário para o projeto, algumas destas preexistências foram mantidas enquanto que outras, removidas.

A maior parte dos elementos já presentes no terreno foram mantidos pelas oportunidades que ofereciam: algumas das ruínas existentes permaneceram a fim de celebrar e dar continuidade a parte da história do lugar, ao mesmo tempo em que ofereciam oportunidades que contribuíram para o projeto, a exemplo da ruína da estufa de flores presente na cota mais baixa do terreno, perto do novo corpo d'água inserido no jardim urbano, que conta com uma estrutura preservada com 45 cm de altura, ideal para que as pessoas possam sentar-se em frente ao lago para conversar, contemplar o ambiente, descansar. Ainda, será mantida uma outra ruína com comprimento considerável do que antes era um armazém. Esta, por sua vez, será complementada com uma nova cobertura na sua tangente, a fim de possibilitar uma experiência mais intimista com a história do lugar, além de servir como um espaço totalmente coberto dentro do jardim. A poucos metros do antigo armazém, encontra-se um pequeno poço e uma ruína de um tanque, cuja função era limpar as flores que saíam da referida estufa. Estas também foram mantidas. Dos qua-

tro edifícios existentes, metade será demolido e a outra metade preservada. Os que serão demolidos não apresentam forças para integrar o projeto, tanto pelos seus tamanhos reduzidos quanto pelo pouco que têm a oferecer. Os que serão preservados servirão de apoio para os edifícios principais. Destes, o maior edificado que antigamente funcionava como a casa das últimas pessoas que habitaram neste terreno, foi mantido para ter disponível na residência artística um quarto alternativo, mais voltado para eventuais convidados para a promoção de oficinas, palestras, debates; ou para aqueles que, por quaisquer motivos, preferiram uma estadia mais reservada. No mais, pelo seu tamanho significativo, servirá também como depósito de materiais que estarão disponíveis para o usufruto dos artistas como, por exemplo, rodas de oleiro e escadotes. O segundo edifício mantido servia e continuará servindo de apoio para um espaço destinado à hortas à sudoeste do lote.

É de salientar que, apesar de se inserir no terreno duas construções novas, não se pretendeu encher o vazio já ocupado por vegetação. Prova disso é a localização dos novos edifícios nos perímetros marginais do terreno, ligados à rua, que, além de criarem uma relação com os edificados existentes, mantêm o núcleo vazio para vegetação e circulação e estadia pedonal; é também o elevar do edifício dos ateliês sobre colunas, ocupando menos espaço e mantendo a permeabilidade do solo. A intenção é clara: explorar o vazio e as suas vantagens, escapando da pressão de preen-



Fig. 65. Ruína da antiga estufa de flores.



Fig. 66. Ruína do antigo armazém de flores.

cher completamente, de atulhar, dando forma a volumes desnecessários e incontroláveis (KOOLHAAS, 1989, p. 15).

Há também, além dos edifícios e ruínas do terreno, árvores preexistentes. No que diz respeito à esta vegetação, procurou-se reverenciá-las ao máximo de acordo com o conceito de 'As Found' apresentado por Alison e Peter Smithson, respeitando-as não somente como simples elementos verdes, mas como uma preexistência estruturante do terreno, como elementos que carregam em si recordações do passado (SMITHSON, 1990, p. 201), objetivando criar uma relação entre estas árvores e o novo projeto arquitetônico e paisagístico inserido no terreno.

Por fim, existem muros que circundam todo o lote. Estes foram mantidos e as áreas onde a degradação não apresentaram vias aparentemente contornáveis, foram renovadas. No mais, há pequenos intervalos onde parte dos muros já não existem. Nestes casos localizados majoritariamente nos perímetros à norte e poente do terreno, um novo gradeamento será implantado na nova entrada à oeste e em outros casos a fim de manter o controle do terreno e a transparência visual do jardim urbano mesmo durante alta noite quando este estiver fechado temporariamente para visitas.

Objetivou-se, sinteticamente, que, face aos olhos da população, o terreno com o novo projeto não causasse estranheza para aqueles que se acostumaram com o lote inutilizado, mas sim uma sensação de que, após longos anos, o terreno está finalmente completo, onde o projeto nele implantado cumpre a sua função existencial, isto é, transforma um terreno em um lugar (NORBERG-SCHULZ, 1981, p. 18).



Fig. 67. Ruínas de um poço d'água e um tanque.



Fig. 68. Edifício existente mantido para convidados.



Fig. 69. Edifício existente de apoio para a horta.



Fig. 70. Vegetação existente preservada.



Fig. 71. Fotomontagem. Parte do muro existente.

Programa e Espaços Significativos

O trabalho desenvolveu-se com um enfoque no projeto à poente, na residência artística, permanecendo o projeto à nascente (espaço para integração de imigrantes) uma sugestão do que poderia ser feito para melhor contribuir para uma maior integração e interação entre as populações à leste e oeste.

A residência artística é composta por dois volumes, sendo um ortogonal e o segundo curvo. O primeiro possui quatro pavimentos: um, parcialmente enterrado, abriga instalações técnicas; acima deste está o piso térreo que comporta um espaço público. Por fim, os outros dois pisos superiores são destinados a cinco quartos por piso e áreas de convívio comum. É de salientar que, devido a sua localização e programa, o piso térreo possui um forte compromisso com a vida pública. Por esse motivo, o piso térreo do volume ortogonal foi pensado de maneira a possibilitar a realização de eventos variados e, portanto, para que acontecimentos como exposições, oficinas e conferências pudessem ser realizadas de acordo com uma eventual lógica particular, optou-se por manter uma certa liberdade espacial, permitindo que cada evento pudesse ocupar o espaço sem grandes limitações preestabelecidas. O edifício curvo, por sua vez, conta com dez ateliês artísticos, todos com um mezanino, casa de banho e gavetas. No mais, elevou-se o edificado para manter a possibilidade de uma mobilidade pedonal fluida no jardim, além de manter uma transparência visual do ponto mais alto do novo jardim urbano ao horizonte à poente, permitindo vislumbrar, por dentro e por baixo dos ateliês, o pôr do sol.

O projeto buscou proporcionar aos seus visitantes o que a separação causada pela linha férrea, de certa forma, prejudicou: a comunicação interpopulacional dentro da cidade e espaços que estimulam interações interpessoais. A ideia da galeria como rua (SMITHSON, 1967, p. 22), acolhendo e atuando como ponto de encontro; como espaço de convívio; como palco para troca de ideias, foi aplicada no presente projeto, estando bastante visível nas galerias dos pisos dos quartos e a relação destes domicílios temporários com o primeiro espaço: a partir da saliência das pequenas cozinhas privativas; da continuação e ligação espacial das galerias da residência e dos ateliês; da relação sensorial entre pontos axiais opostos, surgem espaços de usufruto comum e situações que estimulam o convívio entre aqueles que vivenciarão os espaços dos edifícios e do novo jardim urbano. No entanto, vale ressaltar que não estava no horizonte do projeto criar espaços que obrigassem uma vivência coletiva como tentou-se fazer no passado, algumas vezes com resultados negativos. O que se buscou foi, como posto por Moisei Ginsburg, “facilitar a possibilidade de uma transição gradual natural à utilização comunitária” (apud FRAMPTON, 1993, p. 176) de diferentes áreas dentro do edifício. Tradução arquitetônica desta busca foi o espaço livre na entrada dos quartos resultante da saliência das pequenas copas privativas, que permitem que os residentes ocupem ou não, apesar de estarem tangentes a uma galeria de usufruto comum, este espaço segundo suas expressões individuais.

O solo do lote no qual o projeto está in-

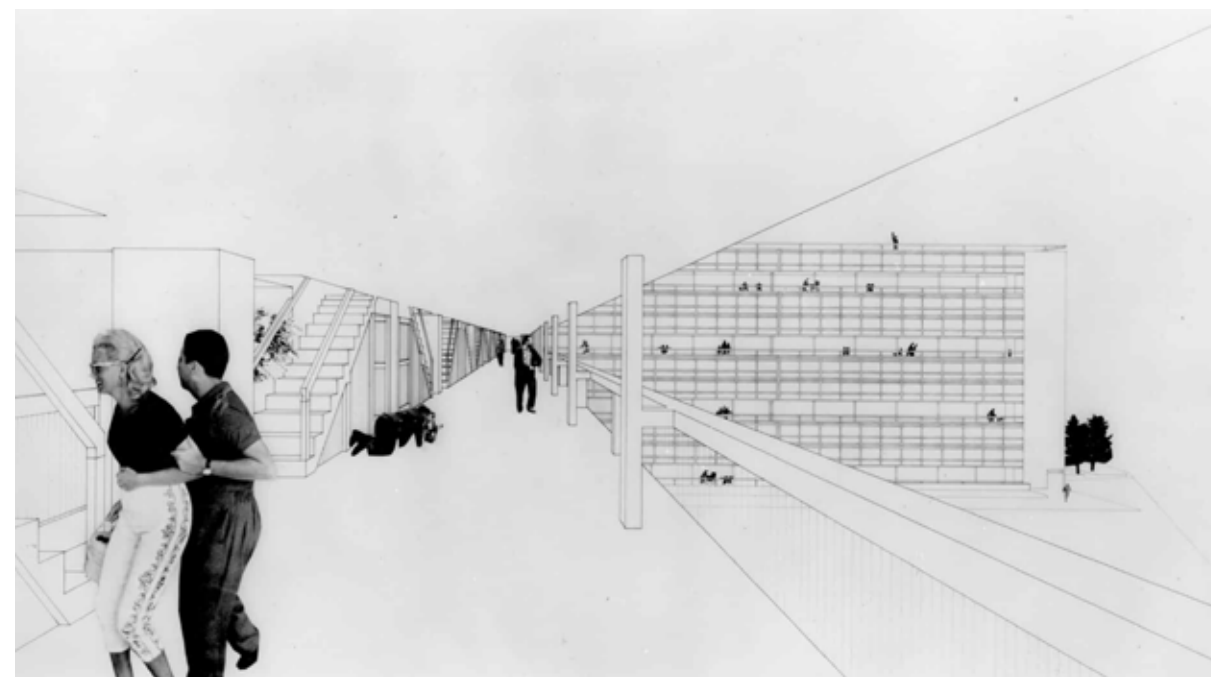


Fig. 72. Golden Lane, 'Street-in-the-air', Alison & Peter Smithson, 1952.

serido é composto na sua superfície quase que exclusivamente por ervas. Julgou-se necessário regalar-se desta característica para enriquecer com vegetação esta região que carece de espaços verdes. Vislumbrando um cenário mais rico e atrativo para os habitantes, fauna e a flora, o jardim recebeu um novo lago e novas árvores, as últimas sendo plantadas segundo a seguinte lógica: perto do novo corpo d'água, à poente, sul e sudeste, árvores úmidas como o choupo manso, choupo branco e plátano foram plantadas; à nascente e à norte, mais afastadas do lago, árvores secas como a Yucca, Pinheiro Bravo (sendo estas duas as espécies das árvores preexistentes) e Tamagueira. Os edifícios e o jardim urbano, em concordância, buscam materializar a ideia de possibilitar em um espaço, qualquer que seja a sua dimensão, diferentes experiências, antagônicas ou complementares, pois, findado o trabalho, a ideia conceitual de algum modo morrerá, mas o objetivo é que esta possa manter-se viva pelas possíveis realidades do projeto depois de construído (MONEO, 1988, p. 155), realidades estas que muitas vezes escapam o imaginário do arquiteto durante o processo de idealização do trabalho.

Buscou-se, também, um diálogo entre o corpo arquitetônico do projeto e o novo jardim urbano. Extraiu-se, em certa medida, inspiração das ideias do arquiteto suíço Peter Zumthor para um projeto na Alemanha intitulado *Poetic Landscape* (1998-1999). Apesar de não se construir o que Zumthor idealizou para o projeto supra, suas ideias tornaram-se materiais na Capela Bruder Klaus (2001-2007). Esta capela muda a percepção dos visitantes em relação à paisagem; paisagem e torre se conectam

(ZUMTHOR, 2014, vol. 3, p. 121). Este diálogo arquitetura-paisagem norteou e orientou até onde possível e lógico a relação entre o projeto arquitetônico e o paisagístico deste trabalho, criando momentos de harmonia ou, quando justificado, de tensão. A proximidade das árvores aos volumes da residência artística, por exemplo, criam uma tensão bastante aparente entre os dois corpos; esta tensão, vista com os mesmos olhos, traduz-se em continuidade; um e outro, em conjunto, arrematam o perímetro do terreno em conformidade com os limites já existentes ditados pelos muros, buscando deixar patente a intenção de serenidade e acolhimento aos visitantes e a história do lugar. Como é o abismo que nos devolve miradas, no exemplo acima não é somente a preexistência que recebe o novo, mas o novo também recebe a preexistência.

Acerca dos usos, a combinação de uma residência artística com um piso público implantado em um novo jardim urbano foi estratégica, pois levou em consideração a tradição artística da cidade que ainda atrai para as Caldas da Rainha pessoas de dentro e de além-fronteiras, enquanto que, simultaneamente, expande a diversidade nas tipologias dos edifícios dos arredores, aumentando a probabilidade de elevar a circulação de pessoas na região e diminuindo a chance do novo jardim encontrar-se negligenciado, pois, levando em consideração a observação arguta de Jane Jacobs, é preciso considerar que “Os parques urbanos (...) precisam de pessoas que estejam nas vizinhanças, com propósitos diferentes, ou então eles só serão usados esporadicamente.” (JACOBS, 2000, p. 167).



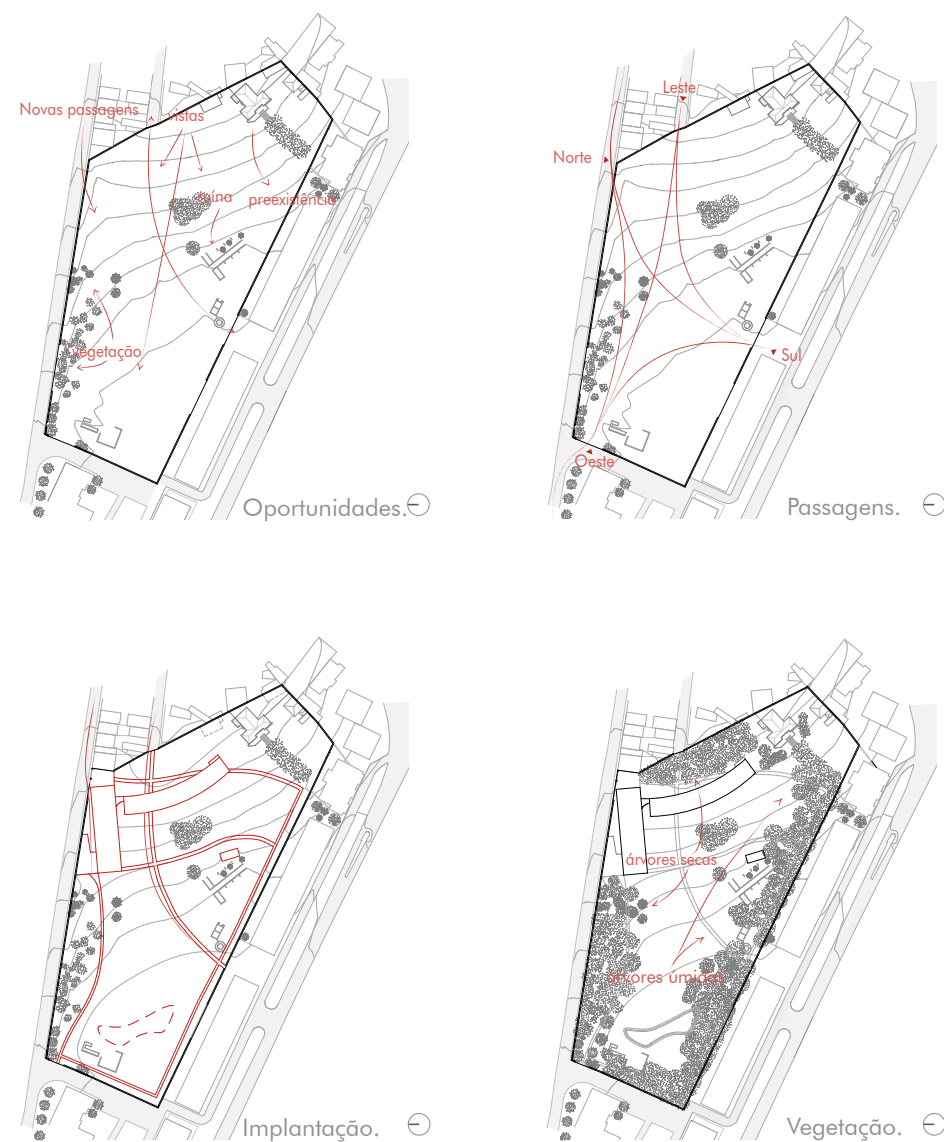
Fig. 73. Peter Zumthor, 'Poetic Landscape'.



Fig. 74. Capela Bruder Klaus.

Da Margem ao Centro

Projeto



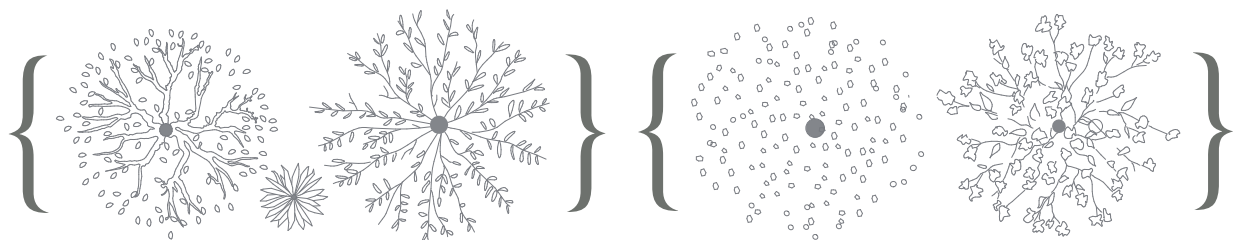
Partindo das análises, interpretações e desejos, a materialização do projeto foi guiado, sumariamente, a partir de quatro motores principais que se apresentaram promissores para uma melhor intervenção no ter-

reno escolhido, quais sejam: análise de oportunidades existentes; maior permeabilidade da malha urbana; definição de espaços livres e ocupados dentro do lote; aumento de áreas verdes na cidade.

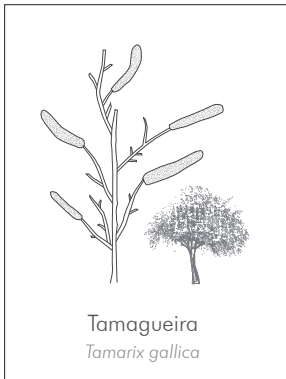
Fig. 75. Estratégias de intervenção.
Escala 1:4000.

Fig. 76. Planta de implantação.
Escala 1:1000.

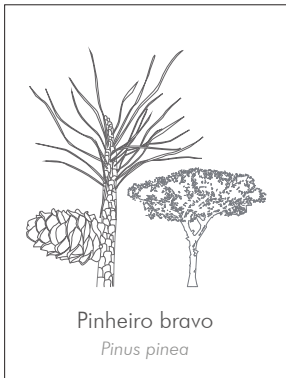
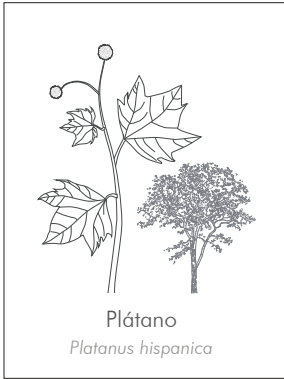
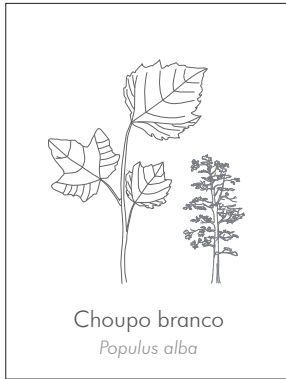




Árvores secas



Árvores úmidas



Buscando recuperar parte das áreas verdes perdidas pela urbanização da cidade, traçou-se no horizonte do projeto a possibilidade de variar as vegetações da parcela à poente das Caldas da Rainha, procurando tornar este

que é um espaço menos valorizado quanto o centro histórico, em uma área mais atrativa, bem como proporcionar para a cidade um novo espaço verde no lado oposto ao principal parque da região: o Parque D. Carlos I.

Fig. 77. Espécies de árvores presentes no projeto.

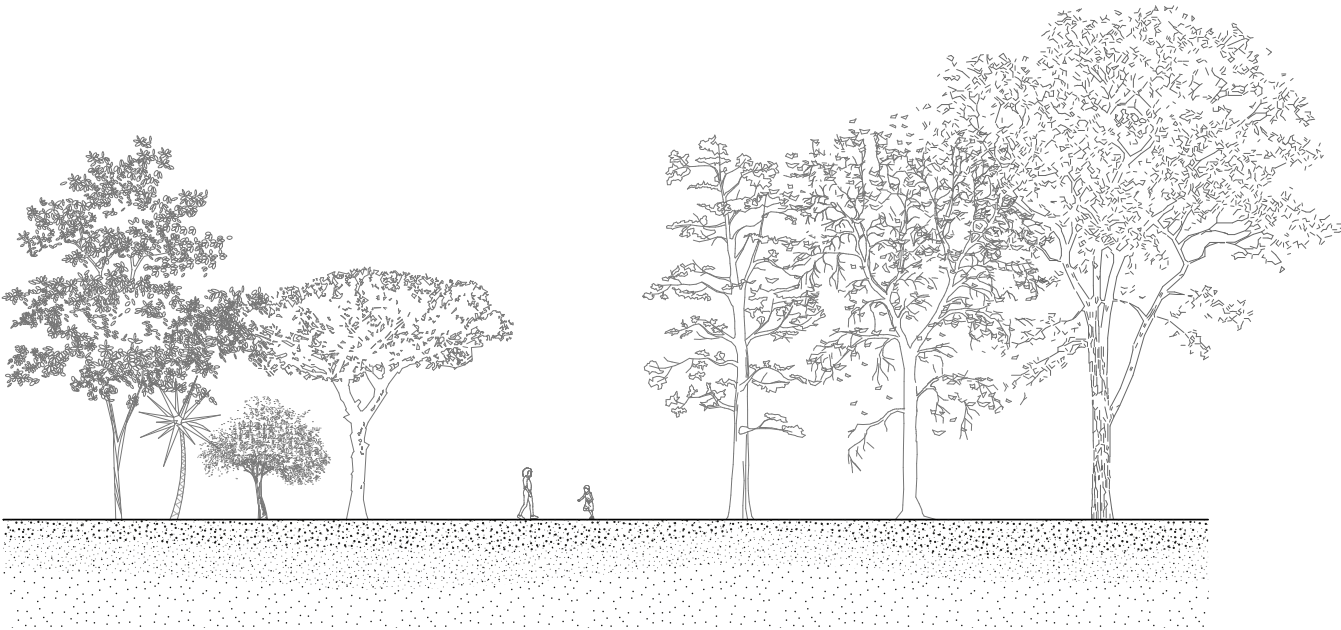


Fig. 78. Relação entre árvores e visitantes. Escala 1:250.

1. Cobertura em frente à ruína
2. Área técnica
3. Espaço exterior coberto
4. Átrio de entrada
5. Cozinha comum
6. Instalação sanitária
7. Armazém
8. Espaço de eventos
9. Piso intermédio
10. Quartos
11. Área de convívio
12. Ateliê
13. Mezanino

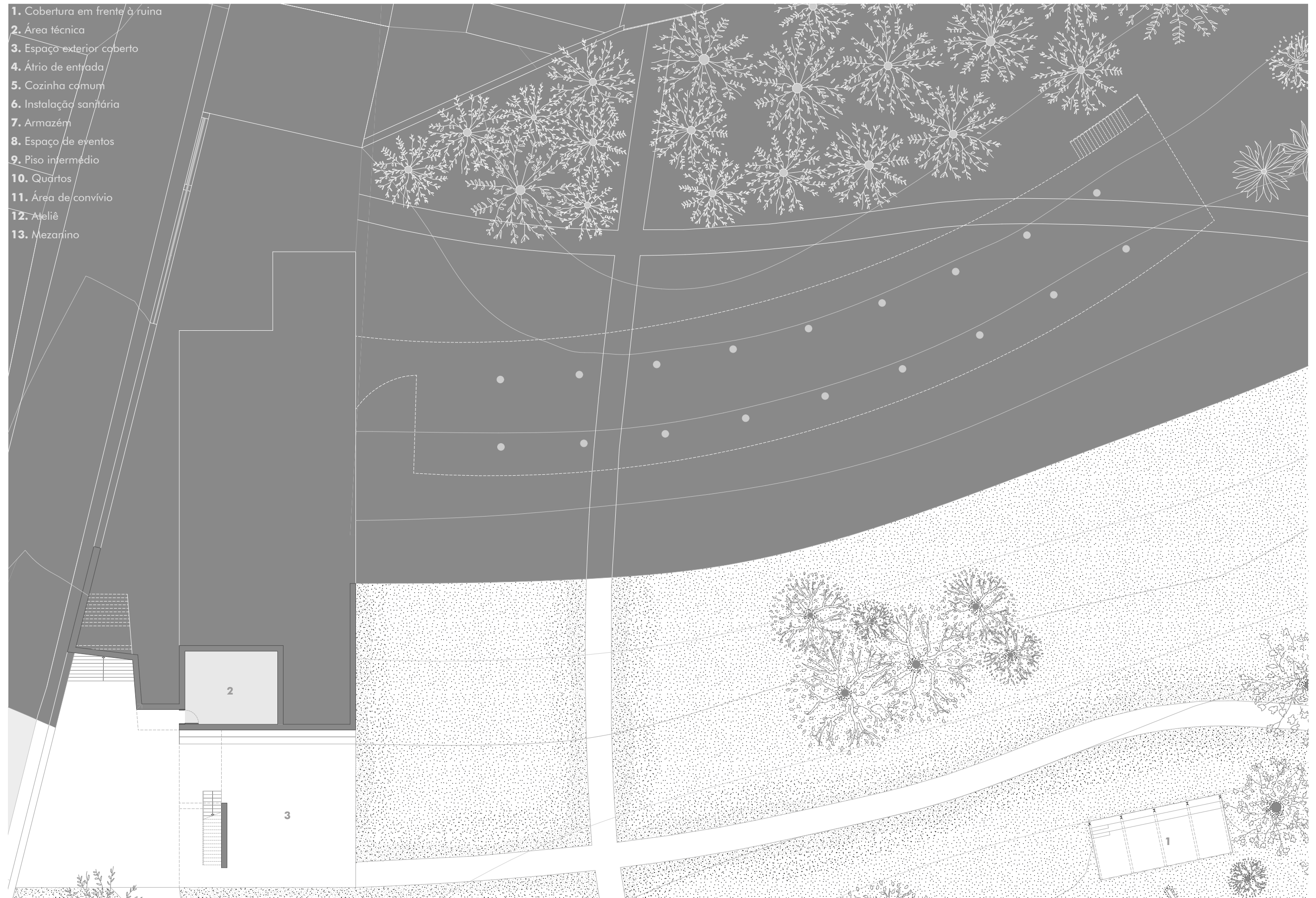


Fig. 79. Planta piso -1. Escala 1:250.

1. Cobertura em frente à ruína
2. Área técnica
3. Espaço exterior coberto
4. Átrio de entrada
5. Cozinha comum
6. Instalação sanitária
7. Armazém
8. Espaço de eventos
9. Piso intermédio
10. Quartos
11. Área de convívio
12. Ateliê
13. Mezanino

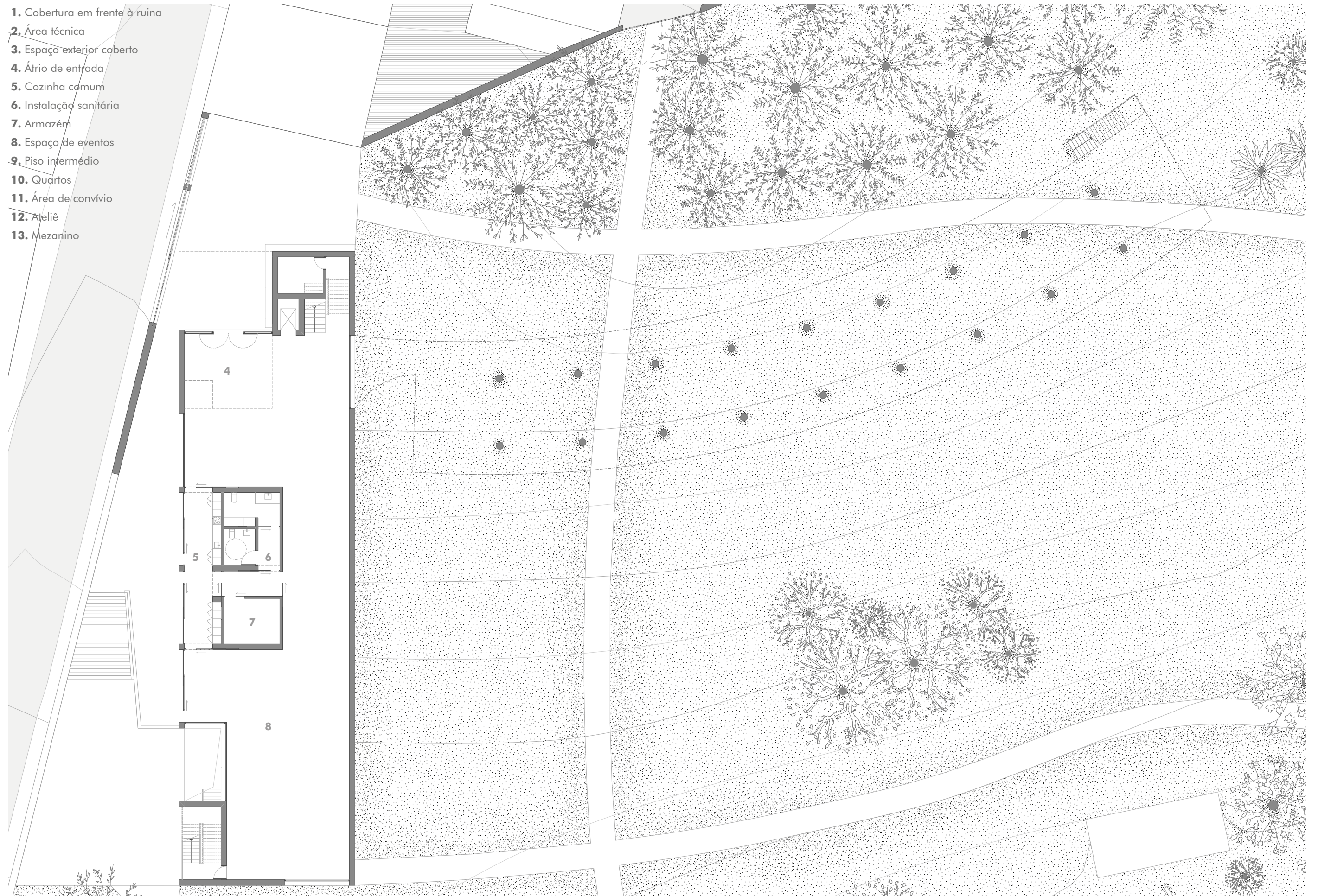


Fig. 80. Planta piso 0. Escala 1:250.

1. Cobertura em frente à ruína
2. Área técnica
3. Espaço exterior coberto
4. Átrio de entrada
5. Cozinha comum
6. Instalação sanitária
7. Armazém
8. Espaço de eventos
9. Piso intermédio
10. Quartos
11. Área de convívio
12. Ateliê
13. Mezanino

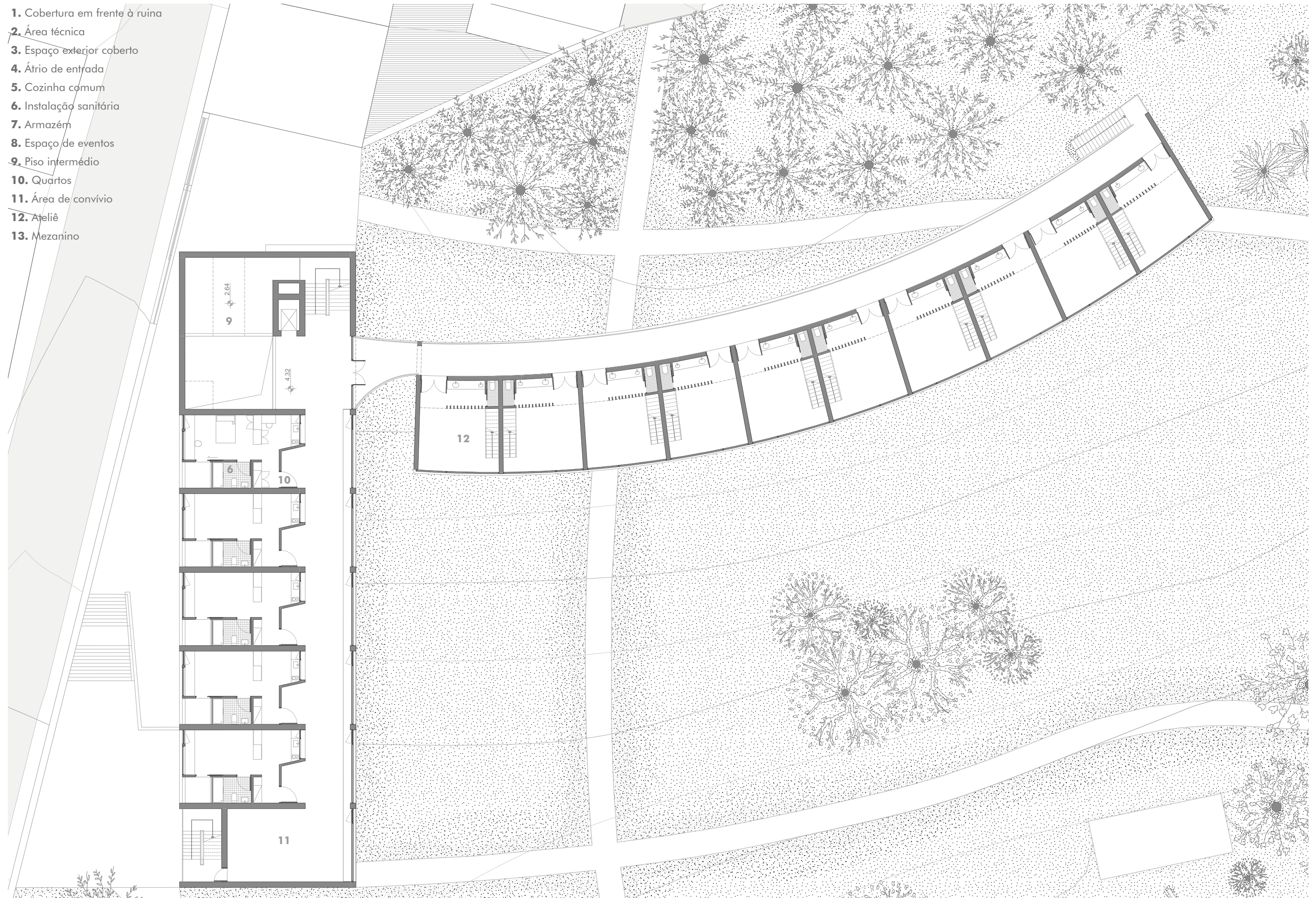


Fig. 81. Planta piso 1. Escala 1:250.

1. Cobertura em frente à ruína
2. Área técnica
3. Espaço exterior coberto
4. Átrio de entrada
5. Cozinha comum
6. Instalação sanitária
7. Armazém
8. Espaço de eventos
9. Piso intermédio
10. Quartos
11. Área de convívio
12. Ateliê
13. Mezanino

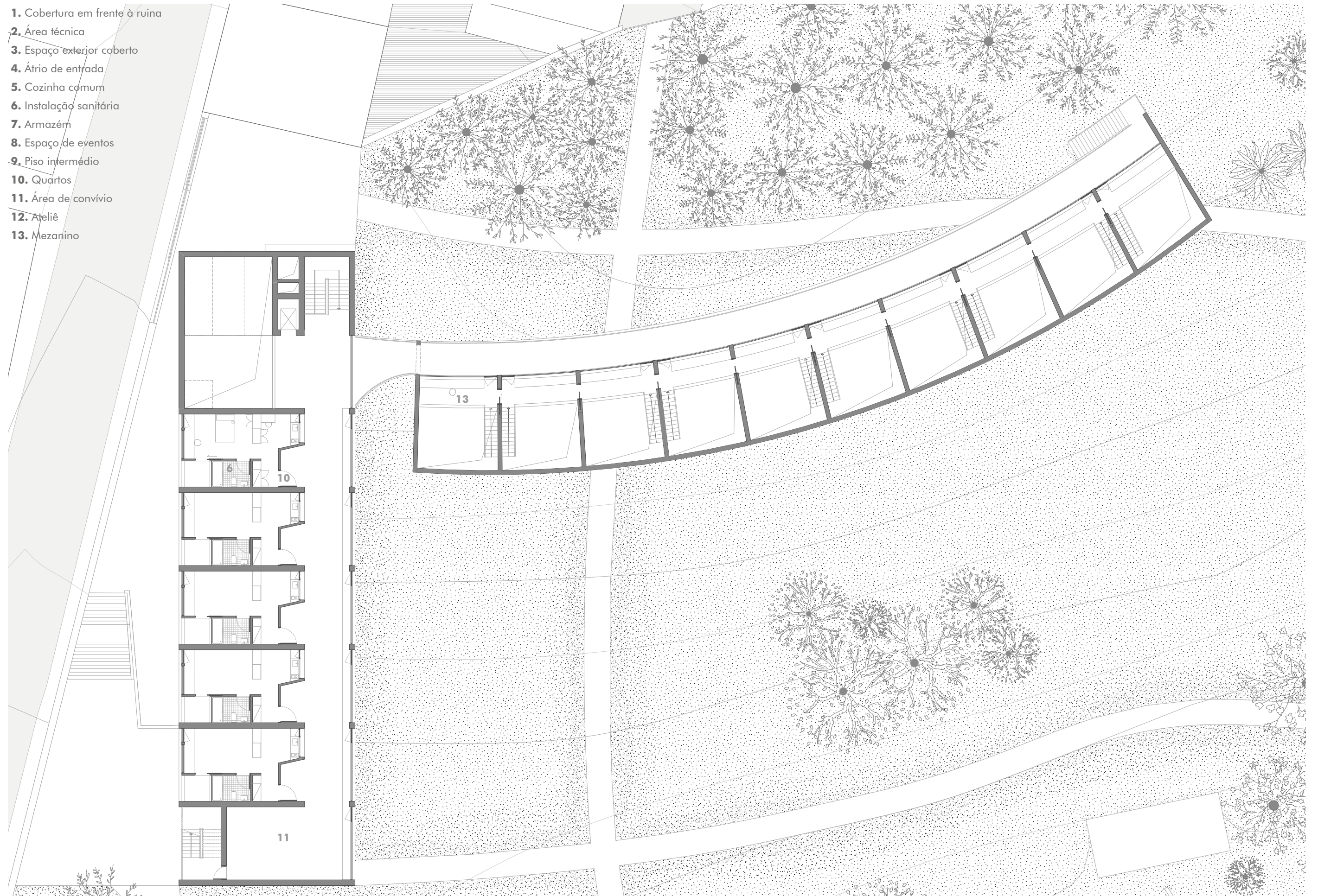


Fig. 82. Planta piso 2. Escala 1:250.

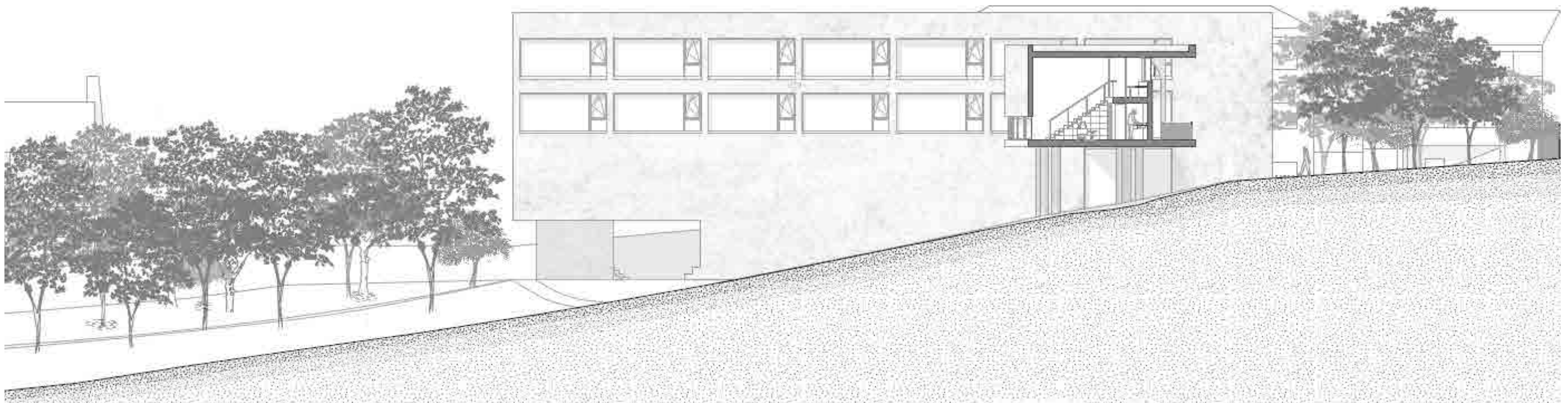


Fig. 83. Corte aa. Escala 1:250.

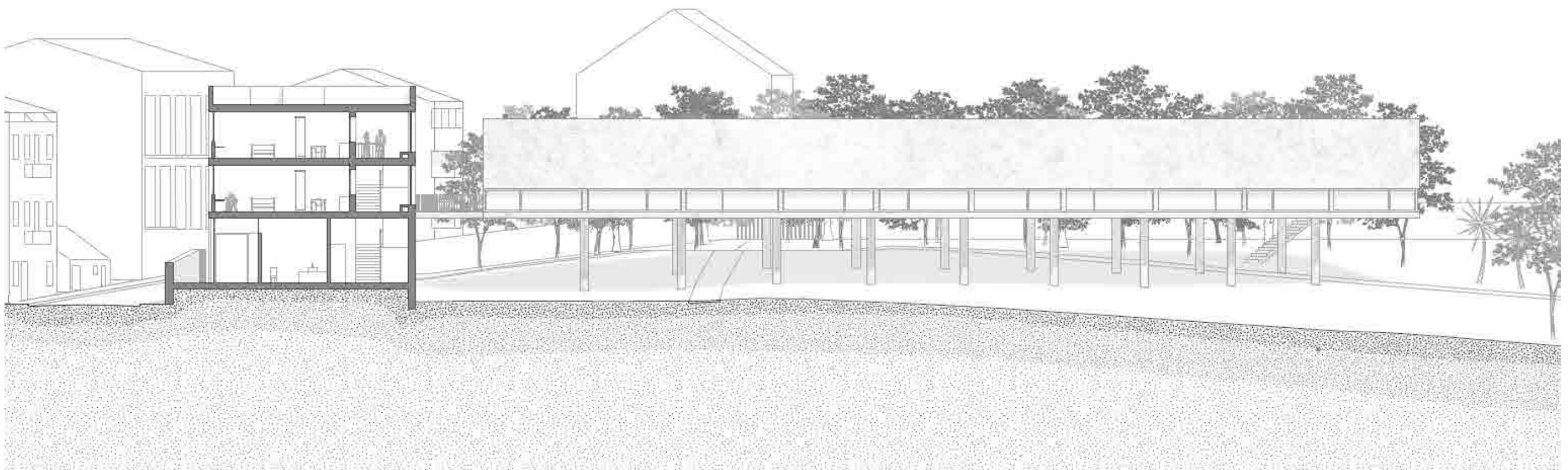


Fig. 84. Corte bb. Escala 1:250.

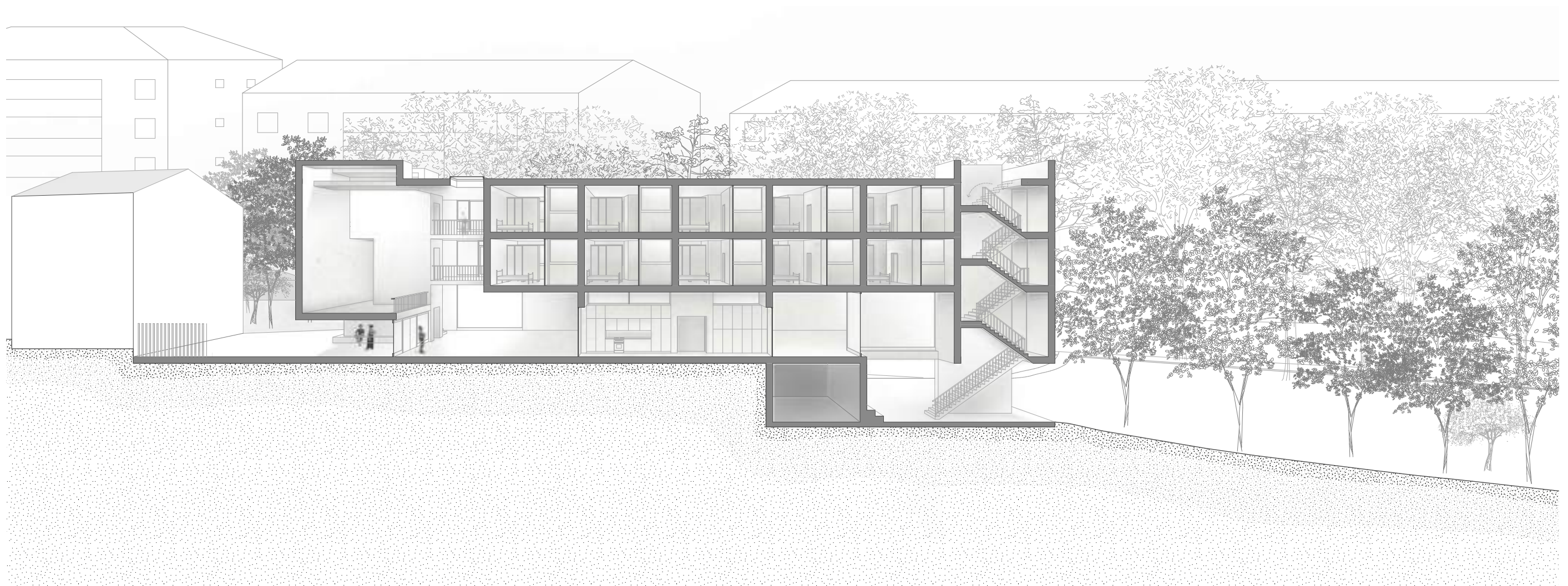


Fig. 85. Corte cc em perspectiva. Escala 1:250.

Materialidade e Sistema construtivo

- 01. Caixilho de madeira 80 mm
- 02. Vidro duplo
- 03. Tijolo Térmico 14 x 19 x 19 mm
- 04. Revestimento de madeira
- 05. Soalho de madeira
- 06. Manta acústica 20 mm
- 07. Barrote 70 x 40 mm
- 08. Estrutura em betão armado com pigmen-
tação branca
- 09. Argamassa
- 10. Lã de rocha 80 mm
- 11. Rufo em aço zincado na cor cinza claro
- 12. Cimento (0,2% inclinação)
- 13. Vedação betuminosa
- 14. Peitoril de mármore branco
- 15. Estore de rolo tipo 'sun-screen'
- 16. Rodapé de madeira
- 17. Argamassa de nivelamento 30 mm

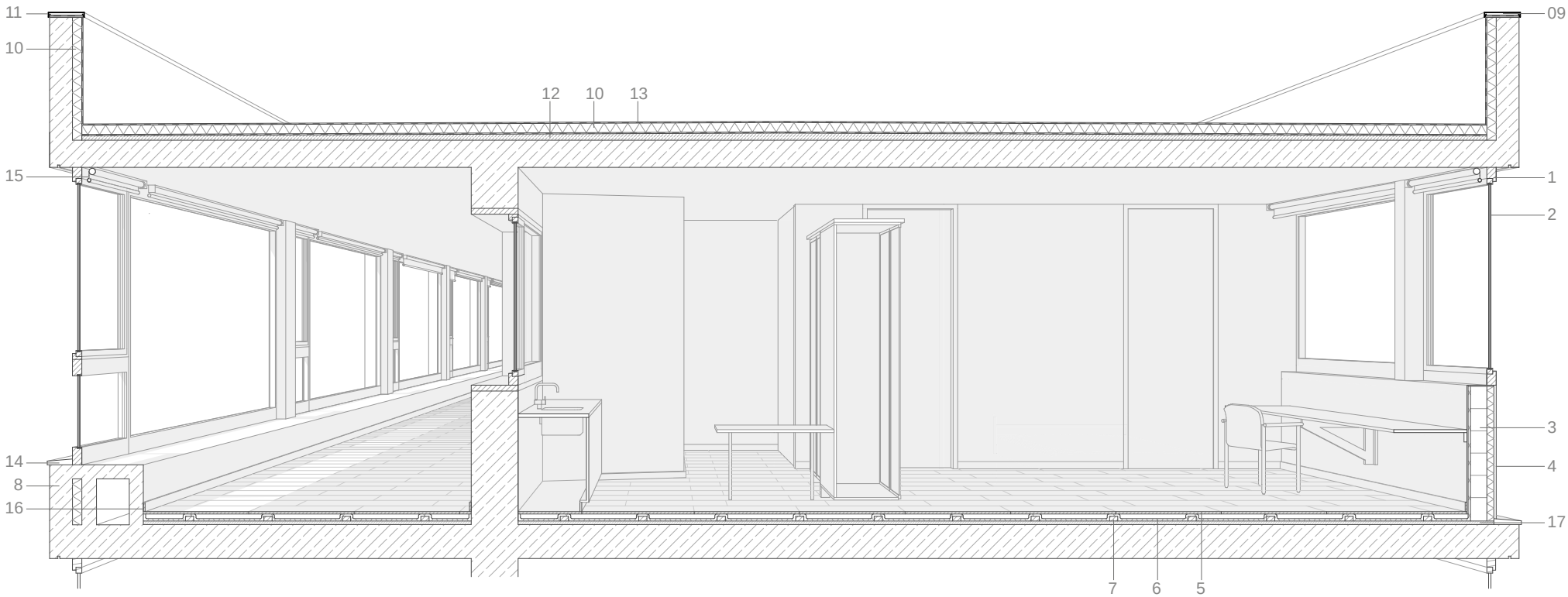


Fig. 86. Detalhes construtivos. Escala 1:50.

Pormenor construtivo

- 01. Caixilho de madeira 80 mm
- 02. Vidro duplo
- 03. Tijolo Térmico 14 x 19 x 19 mm
- 04. Revestimento de madeira
- 05. Soalho de madeira
- 06. Manta acústica 20 mm
- 07. Barrote 70 x 40 mm
- 08. Estrutura em betão armado com pigmen-
tação branca
- 09. Argamassa
- 10. Lã de rocha 80 mm
- 11. Rufo em aço zincado na cor cinza claro
- 12. Cimento (0,2% inclinação)
- 13. Vedação betuminosa
- 14. Peitoril de mármore branco
- 15. Estore de rolo tipo 'sun-screen'
- 16. Rodapé de madeira
- 17. Argamassa de nivelamento 30 mm



Fig. 87. Pormenor construtivo. Escala 1:25.

Atmosfera



Fig. 88. Vista para os edifícios a partir do jardim urbano.



Fig. 89. Vista desde o interior da nova cobertura.



Fig. 90. Pé direito da entrada.



Fig. 91. Vista da galeria dos quartos.

Conjunto de Propostas

Turma 1 PFA 2022/ 2023

Propostas Turma 1 PFA 22/23

Edifício Viola XXI
Rita Jesus

Percorrido Pelo Olhar
Maria Inês

Integração da estação na cidade
Daniela Cristina

Da Margem ao Centro
Ivan Sera

Ponto de Encontro
Bernardo Custódio

Entre Pontos
Sofia Ferrinho

Cidade Lugar e Ruínas
Nicola Monlouis

Memória e Vazios Urbanos
David Serralheiro

Fig. 92. Planta de Propostas da Turma 1 PFA 22/23.
Escala 1: 10.000.



4. Considerações Finais



Fig. 93. Terreno do projeto atualmente.

Em consonância com a realidade atual das Caldas da Rainha, o projeto é uma resposta às questões geográficas e populacionais identificadas desnudadas por meio de análises de dados concretos, bem como por meio de observações da cidade e a sua organização.

Este trabalho de projeto final procurou explorar uma lógica possível de uma realidade mais inclusiva dentro das Caldas da Rainha; bem como de integralizar a cidade como um todo, chamando atenção a separação em duas partes da cidade causada pelas linhas de comboio. Levando em consideração o *genius loci* da cidade, a residência artística é o programa que melhor respondeu à questão de como trazer pessoas de dentro e fora da fronteira caldense - necessário para contrabalançar a diminuição da população local - para não só praticarem o ofício da arte seja ele qual for, mas também para usufruírem da possibilidade de, intimamente, conhecerem e mergulharem a fundo nas ricas tradições artísticas e folclóricas das Caldas da Rainha. O projeto para a integração de imigrantes não foi desenvolvido, mas permaneceu como uma sugestão pela clareza de seu objetivo: dar uma resposta acolhedora ao aumento da população imigrante na cidade. Se o paradigma das cidades contemporâneas é que esta parte da sociedade esteja na margem dos centros urbanos, aqui, todas elas, seres pulsantes, artérias do coração cidadão, recebem acolhimento simbólico no centro das Caldas da Rainha através do uso da arquitetura que, neste caso, buscou contrariar as tendências da cidade moderna de levar em consideração primeira quase que exclusivamente aspectos práticos do urbanismo, dei-

xando de lado a questão da identificação da população com o lugar (NORBERG-SCHULZ, 1981, p. 21), sem muitas vezes prestar a devida atenção aos valores intangíveis inerentes aos indivíduos, isto é, aos seus sentimentos, principalmente o de pertencimento.

A cidade é para todos e deve ser vista como tal, onde um e outro se confundem apesar das suas particularidades. “O que é uma cidade?” e “o que é uma cidade para todos?” deveria ser uma redundância, não questões díspares. Esta é a lógica que o projeto idealizou concretizar na realidade em que se encontra as Caldas da Rainha.

Referências

Arquitetônicas

Plano dos Cinco Dedos, 1947.

Peter Bredsdorff e Steen Eiler Rasmussen (Copenhague)

Este plano, grosso modo, procurou fazer com que a urbanização em Copenhague no pós-guerra não acontecesse de forma ilógica e detrimental à natureza: neste plano, por entre os corredores urbanos (os dedos), são preservados extensos espaços verdes, buscando fazer com que a fauna e a flora se estabelecessem nos arredores dos diferentes espaços urbanos da cidade.



Fig. 94. Plano dos Cinco Dedos, Copenhague.

Banco Nacional da Dinamarca, 1978.

Arne Jacobsen (Copenhague)

O gesto presente na entrada do banco projetado pelo arquiteto Arne Jacobsen é bastante impactante. Através da entrada principal, um corredor curvo com pé direito relativamente baixo conduz o visitante para o *lobby*, um espaço com quase 20 metros de altura. Este contraste espacial confere ao visitante uma percepção mais profunda do espaço como espaço; como ponto de chegada; como intervalo de transição de um ambiente para outro; como o começo de uma experiência.

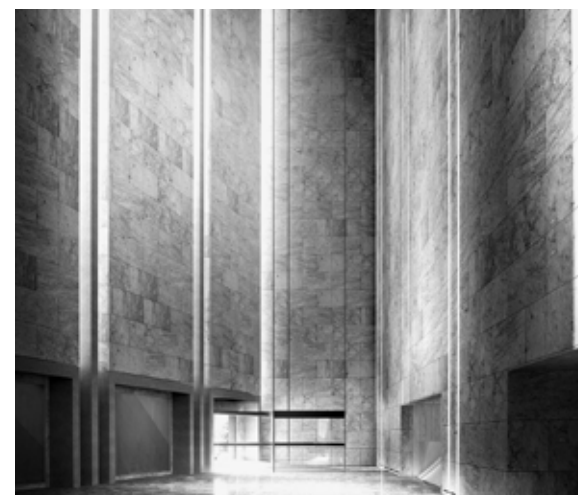


Fig. 95. Arne Jacobsen, Banco Nacional da Dinamarca.

Golden Lane, 1952–53.

Alison & Peter Smithson (Londres).

O conceito de 'street-in-the-air' apresentado por Alison & Peter Smithson no contexto do pós-guerra na Inglaterra é bastante inspirador apesar de que, em alguns casos como no incônico Robin Hood Garden, a aplicação deste conceito não foi muito bem sucedida. No entanto, é um dos conceitos quase incontornáveis no que diz respeito a ideia de vivência coletiva dentro do campo da arquitetura.



Fig. 96. Golden Lane ('street-in-the-air').

Residência para Idosos, 1989–93.

Peter Zumthor (Chur).

A galeria da residência para idosos projetada pelo arquiteto suíço Peter Zumthor, espaçosa e convidativa, estimula a interação entre os residentes, assim como a apropriação deste espaço por parte de todos: uma possível extensão dos quartos de cada morador; uma residência única que permite e, sobretudo, encoraja que os residentes vivenciem, em conjunto ou em segredo, variadas emoções e acontecimentos.



Fig. 97. Peter Zumthor, Residência para Idosos.

Parque do Vale do Silêncio, 1950.

Álvaro Dentinho (Lisboa).

Projetado pelo paisagista Álvaro Dentinho na década de 50, o Parque do Vale do Silêncio tem 9 ha e encontra-se localizado em Olivais.

O parque acolhe no seu interior um espaço livre cercado por uma camada robusta de árvores que abafa as poluições sonora e atmosférica, conferindo não só um melhor e mais seguro aproveitamento da área de estar dentro do perímetro, mas também um ambiente descontraído do contexto urbano. No mais, a amplitude do relvado do parque permite que os visitantes possam usufruir o espaço da forma que acharem mais pertinente, sem se preocuparem com a presença de limitações desnecessariamente impostas.



Fig. 98. Parque do Vale do Silêncio.

The Poetic Landscape, 2001 – 07.

Peter Zumthor (Bad Salzuflen).

O *'Poetic Landscape'*, projeto de Peter Zumthor nunca construído, ilustra de maneiras inspiradoras como edifício e paisagem podem dialogar entre si. O projeto nasceu da ideia de Brigitte Labs Ehlert de convidar escritores para selecionarem um lugar que considerassem significativo em uma área rural na Alemanha para escreverem sobre. Junto dos escritores, arquitetos também foram convidados para construírem edifícios nos espaços que inspiraram os textos escritos.

Os trabalhos de Zumthor feitos para este projeto demonstram um cuidado e um respeito de qualidade ímpar com a paisagem existente. Construção e natureza se complementam; edifício e vegetação em intensa harmonia.

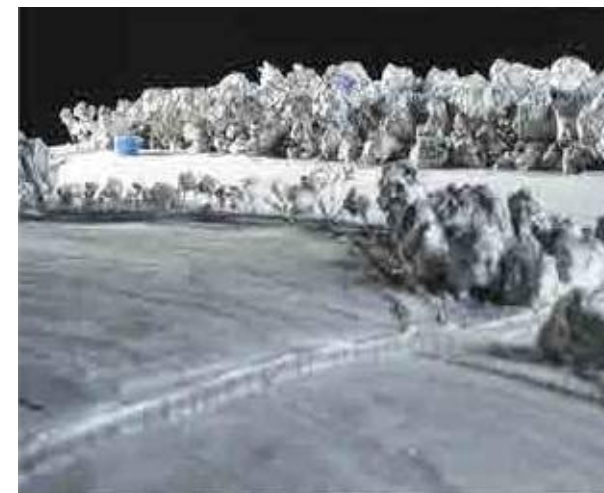


Fig. 99. Maquete *'Poetic Landscape'* - Peter Zumthor.

Referências

BIRAGHI, Marco - **Project of crisis : Man–fredo Tafuri and contemporary architecture**. Londres : The MIT Press, 2013.

CAMARA MUNICIPAL DAS CALDAS DA RAINHA. **TOMA**. Projeto Piloto de Transporte Urbano [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 26 Set. 2022] Disponível em: http://www.rb.mcr.pt/webcenter/portal/oracle/webcenter/page/scopedMD/s3cb-489dd_3d2a_4d93_b095_c496cec0b515/PortalHome.jspx?wc.contextURL=%2Fspaces%2Fmcr&_afrLoop=58578830046365616&_adf.ctrl-state=1bbg00euif_26&lado=esquerda&hide=s#!%40%40%3F_.

CAMUS, Albert - **A Peste**. Gallimard. Paris : 1947.

Censos 2021. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. [Consult. 08 out. 2022. Last Update Date: 2022]. Disponível em WWW:<https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html>.

CHING, Francis D. K.; JARZOMBK, Mark, co-aut.; PRAKASH, Vikramaditya, co-aut. - **A Global History of Architecture**. 3ª ed. Hoboken : Wiley, 2017.

FRAMPTON, Kenneth -**Historia crítica de la arquitectura moderna**. 6ª ed. ampliada. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 1993.

GOMES, Saúl António - **As Cidades Têm uma História: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII**. 1ª ed. Caldas da Rainha : PH - Estudos e Documentos, 1994.

JACOBS, Jane - **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 1ª ed. São Paulo : Martins Fontes, 2000.

KOOLHAAS, Rem - Toward the Contemporary City. **Design Book Review**. No. 17 (1989).

LANDRY, Charles - **The Creative City: a toolkit for urban innovators**. Repr. ed. Londres : Earthscan, 2000.

LYNCH, Kevin - The Possible City. In **Environment and Policy: The Next Fifty Years**, edited by William R. Ewald, Jr. Bloomington and London: Indiana University Press, 1968.

MONEO, Rafael - The Idea of Lasting, A Conversation with Rafael Moneo. **Perspecta**. vol. 24 (1988).

NORBERG-SCHULZ, Christian ; SEYLER, Odile, trad. - **Genius loci : paysage ambience architecture**. Deuxième édition. Bruxelles : Pierre Mardaga éditeur, 1981.

Nova Enciclopédia Larousse. Ed. n.º 3891, vol. VI.Círculo de Leitores. Lisboa : 1994.

ORTIGÃO, Ramalho - **Banho das Caldas e Águas Mineraes**. Porto : Livraria Universal, 1975.

POLITÉCNICO DE LEIRIA. **Mapa da Cidade**. Caldas da Rainha Mapa da Cidade [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 06 Out. 2022]. Disponível em: <[<adcr/wp-content/uploads/sites/17/2022/03/MAPA-C-EDIFICIOS.pdf>>.
RODOVIÁRIA DO OESTE. **Rede de Transportes**. Carreiras Interurbanas Rocaldas. Caldas Da Rainha. \[Consult. 26 Set. 2022\] Disponível em WWW:<<http://rodoviariadooeste.pt/rede-de-transportes>>.](https://www.ipleiria.pt/es-</p>
</div>
<div data-bbox=)

RODRIGUES, Luís Nuno [et.al.] - **Terras de Água – Caldas da Rainha, História e Cultura**. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993.

ROGERS, Ernesto Nathan - **Gli elementi del fenomeno architettonico**. 1ª ed. Milano : Christian Marinotti Edizioni, 2006.

ROSSI, Aldo - **A Arquitetura da Cidade**. Edições 70. Lisboa : 2021.

SARAIVA, José. (2002), **Caldas, Capital por Conta Própria**. [Consult. 27 Dez. 2022]. Disponível em WWW:<<https://www.youtube.com/watch?v=VPNFfHkxzMI>>.

SERRA, João Bonifácio - **21 anos, pela História, Caldas da Rainha**. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003.

SERRA, João Bonifácio [et.al.] - **Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes**. Assírio&Alvim, 1998.

SERRA, João Bonifácio - **Caderno de História Local: Introdução à História das Caldas da Rainha**. Património Histórico - Grupo de Estudos, 1995.

SMITHSON, Alison and Peter - The ‘As Found’ and the ‘Found’. In **The Independent Group: Postwar Britain and the Aesthetic of Plenty**, edited by David Robbins. Cambridge : The MIT Press, 1990.

SMITHSON, Alison and Peter - **Urban Structuring: Studies of Alison and Peter Smithson**. Londres : Studio Vista, 1967.

TAFURI, Manfredo - **Projecto e utopia: arquitectura e desenvolvimento do capitalismo**. Coleção Dimensões, vol. 16. Lisboa : Editorial Presença, 1985.

ZUMTHOR, Peter - V.3: 1998-2001. **Peter Zumthor: buildings and projects**. Zurich : Scheidegger and Spiess, 2014. 5 v. Vol. 3.

Referências bibliográficas

BOGONI, Barbara - **Eduardo Souto de Moura Learning From History Design—ing Into History.** AMAG publisher. Porto, 2020.

CONDELLO, Annette - **Building Around Architecture Francesco Venezia Outside the Mainstream.** AMAG publisher. Porto, 2022.

DURKHEIM, Émile - **As Regras do Méto—do Sociológico.** 9ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

LEONARDI, Cesare ; STAGI, Franca, co-aut. - **L’architettura degli Alberi.** Quarta edizione. Milano : Mazzotta, 2002.

LYNCH, Kevin - **A Imagem da Cidade.** Por-to : Edições 70, 1982.

MILHEIROS, Ana Vaz, ed. lit. ; AFONSO, João, ed. lit. ; NUNES, Jorge, ed. lit. - **Nuno Te—otónio Pereira : candidatura ao prémio Sir Robert Matthew : uma ideia para a cidade da Covilhã.** Casal de Cambra : Or-dem dos Arquitectos, 2005.

RODRIGUES, José Manuel, ed. lit. - **Teoria e crítica de arquitectura : século XX.** Lis-boa : Ordem dos Arquitectos, 2010.

TAFURI, Manfredo - **Teorias e história da arquitectura.** 2.ª ed. Lisboa : Editorial Presença, 1988.